

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO V

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1918

Nº 54

Grupo mantenedor: Maciel da Costa, Pompeu Cavalcanti, Souza Reis, (redatores); B. Klinger, Lima e Silva, Parga Rodrigues, Leitão de Carvalho, Euclides Figueiredo, J. Franco Ferreira, Newton Cavalcanti, Amaro Villa Nova, J. Ramalho, Pantaleão Pessoa.

□ □ □

## SUMMARIO

### PARTE EDITORIAL

Ensino Profissional

Duas conferencias do General Grandmaison

Os seis meses de praça para matrícula na Escola Militar  
Troca de unidades entre as I, II e IV divisões do Exercito.

### PARTE JORNALISTICA

Exercícios de artilharia sobre a carta.....

B. Klinger

Providências urgentes.....

Capitão Parga Rodrigues

Escripturação do Tiro.....

Tte Barbosa Monteiro

Descrição do canhão Armstrong.

Major Pompeu Loureiro

### NOTICIARIO

Cartas do "Oriepenkert" — Publicações recebidas  
Expediente.

1º Informar dia a dia o commando sobre a presença e movimentos das forças inimigas que poderiam inquietar a marcha ou o estacionamento das tropas;

2º Oppôr-se ás incursões da cavallaria inimiga;

3º Fornecer todos os dados necessarios sobre as vias de comunicação e os recursos da região, em vista da preparação da marcha e da instalação em acantonamento . . . . .

A cavallaria da segurança de primeira linha podem agregar-se destacamentos de infantaria e baterias de artilharia. . . . .

### CAPITULO III

#### *Protecção immediata das columnas. Regras geraes.*

Art. 22. Uma columna em marcha se acha sempre protegida a curta distancia por destacamentos tirados das tropas que a constituem.

Estes destacamentos têm as denominações de vanguarda, flanco-guarda ou retaguarda, conforme se acham, respectivamente, na frente, nos flancos ou atraç da columna.

A missão geral delles é garantir o corpo principal contra qualquer surpresa e assegurar ao commandante da columna, incessantemente, a livre disposição do grosso das suas forças.

#### *Vanguarda.*

Art. 23. A força de uma vanguarda está em relação com a da columna que ella cobre.

Deve ser suficiente para permitir que a vanguarda se apodere de posições vantajosas, trave combate vigorosamente com o objectivo de obrigar o inimigo a mostrar suas forças ou, pelo menos, que possa contel-o quanto baste para dar ao corpo principal o tempo necessário para tomar suas disposições ao abrigo do fogo.

A vanguarda deve, d'outra parte, reparar e desobstruir o caminho seguido pelo grosso da columna. . . . .

A distancia entre a vanguarda e o grosso das tropas resulta da necessidade de facilitar ao commandante da columna o tempo e o espaço que lhe são necessarios para tomar suas disposições.

Tal é a base. Iremos quebrar lanças contra esse texto veneravel? Certo que não, e a minha principal queixa contra os nossos costumes actuaes será de o temer torcido e amesquinhadado.

Talvez que a sua forma não seja inatacável. Sobretudo deploramos que, obedecendo a um espirito imprudente de simplificação e generalisação, — origem de muitissimos erros — não se haja contemplado senão uma segurança *omnibus*, que tanto convém á offensiva como á defensiva, tanto á marcha como ao estacionamento.

A redacção das ultimas linhas do art. 22, que inclue na missão dos destacamentos protectores o dever «de assegurar incessantemente ao commandante da colu-

mna a livre disposição do grosso das suas forças», é tambem deploravel, não só por ser vaga, como porque permite, sem heresia literal, as mais extravagantes interpretações.

Mas, no fim das contas, isso não passa de um detalhe, de maneira que, sobre taes bases, poderíamos perfeitamente realisar uma pratica sensata da noção de segurança, contanto que não se torturasse, como se tem feito, sua letra e seu espirito.

A segurança pedimos:

1º Dados sobre o inimigo, para servirem de base ás decisões do commando;

2º Uma protecção contra a surpresa e o tempo necessário para tomar nossas disposições de combate.

Para isso creamos douis orgãos:

A segurança de primeira linha;

A protecção immediata das columnas.

#### *Segurança de primeira linha.*

Ha muito que dizer sobre a penuria da nossa segurança de primeira linha. Seu papel se tornou vago e mal definida a sua missão.

Normalmente, esta deveria consistir na investigação do dado que proporcionará ao commando os elementos principaes da sua decisão tactica, e para isso basta a segurança de primeira linha, pois que, para atacar, sómente são precisas duas cousas: saber onde está o inimigo; decidir o que se vae fazer. Pouco importa o que pretende fazer o inimigo.

Entre nós, porém, o commando não se contenta em saber onde está o inimigo, para atacal-o faça elle o que fizer; quer que o ponham ao corrente do que faz o inimigo, para responder á sua acção com disposições apropriadas.

Como a segurança de primeira linha evidentemente não lhe pôde ministrar tal dado, transfere todas as suas esperanças para os destacamentos de protecção immediata, que, por esse motivo, assumiram nas nossas preocupações uma enorme importância.

Desse injusto descredito resultou que o papel da cavallaria «na exploração proxima» é abertamente desdenhado. Sua pouca efficacia é objecto das lamentações habituaes de toda critica de manobra que se respeita — crescendo concomitantemente o nosso culto pelos destacamentos de protecção; ha nisso um verdadeiro circulo vicioso.

Receio bem, por outra parte, que o

culto pelos destacamentos de protecção não seja mais que idolatria. Chegou o momento de examinar o ídolo.

### *Protecção immediata.*

O papel dos destacamentos de protecção immediata (vanguarda, flanco guarda, etc....) tem sido ao mesmo tempo exagerado e falseado, principalmente na ofensiva.

Dous erros fundamentaes originaram o desvio da nossa concepção theorica da segurança, tornando-a praticamente inaplicavel, ou pelo menos inapplicada, conforme temos visto.

E' nisso que se deve procurar a causa primaria da actual desordem das nossas idéas tacticas.

*Primeiro erro.* — Pedimos á segurança immediata o que ella não pôde nem nos deve dar.

*Segundo erro* (consequencia do precedente). — Confiamos toda a nossa segurança á acção dos destacamentos, isto é, *ao exterior*, quando a verdade é que, principalmente na offensiva, a segurança de uma tropa se basea antes de tudo no que se poderia chamar a sua *capacidade de ataque*; isto é, nas disposições antecipadamente tomadas para lhe permitir um ataque rapido e vigoroso.

Examinemos de mais perto esses erros.

*Primeiro erro.* — Temos por fim conseguido tornar-nos muito prudentes, de sorte que, para agir, precisamos de muito boas razões. O principal é não cahir em enganos e o que mais importa é *arriscar* o menos possível.

Chegamos a tal ponto que já não construimos sobre o barro da idéa preconcebida ou sobre a areia das informações dos reconhecimentos; uma decisão que comprometta o conjunto de nossas forças não pode ter outra base que não seja a rocha do combate de reconhecimento.

Confia-se a destacamentos (na offensiva á vanguarda) a missão de ministrar, mediante combate, os elementos para a decisão do commando. E a nossa segurança será tanto mais perfeita quanto mais disponivel, melhor preparado a parar, a responder ás manifestações do inimigo e, por conseguinte, quanto menos empenhado na execução de um acto preciso, esteja o grosso das forças, até que o referido combate haja dado seus fructos, pois é necessário que o chefe tenha a livre disposição das suas forças para executar o

plano que, sómente neste momento, vai elaborar.

A inteira applicação de semelhante concepção não seria realizavel na pratica, nem mesmo em simples manobras. Mas o dogma existe e embora seja certo que, por instinto e quasi sempre, nos libertamos delle no terreno, tambem é certo que muitos o consideram o ideal que se deve buscar: tão profundamente penetrou o virus. Não é demais fazer uma rapida resenha dos estragos que tem produzido:

A) Sob pretexto de fugir ao schema e de não realizar senão soluções exactamente apropriadas ás necessidades do momento, temos dado larga margem á preguiça intellectual.

Assim que esteja munido de um bom guarda-chuva (quero dizer, de um jogo de destacamentos de segurança funcionando bem), o chefe, com a tropa «em mão», pôde viver tranquilo até que, graças á lucta empenhada pelos seus satellites, possa saber alguma cousa com segurança e pense em tomar uma resolução.

Em quanto isso não acontece, a unica decisão permittida é a de «proceder segundo as circumstancias», o que não exige um esforço mental consideravel.

Assim, pois, logicamente, o trabalho proprio do commando, a decisão tactica de conjuncto, deve ser adiada até um momento em que o chefe não disporá mais, provavelmente, de toda a sua liberdade de espirito, e em que, sobretudo quando se tratar de uma unidade importante, já será tarde para traçar com proveito um plano de combate.

B) O papel tactico que devemos attribuir aos destacamentos de segurança para dar alguma apparencia de solidez á nossa concepção sobre a segurança é, com efecto, irrealisavel.

Se tivessemos de combater um adversario que empregasse processos analogos, seria aceitável que nutrissimos certas ilusões. Em face, porém, de um ataque amplo e brutal, o tempo ganho será quasi nullo se a nossa vanguarda não se desenvolve antecipadamente em larga frente, já que o seu envolvimento será automatico e immediato. Se, pelo contrario, a frente é sufficiente, poderá talvez, aferrando-se ao terreno, desempenhar o seu papel de protecção immediata, com a condição, porém, de ser rapidamente sustentada, pois que a sua densidade necessariamente será pequena. Em todo caso, o

grosso das tropas deverá intervir sem demora na totalidade da frente. E' necessário, então, que esteja preparado com antecedencia para isso.

Como, nestas condições, quando as vanguardas estão empenhadas, se poderia ainda hesitar entre aceitar ou recusar o combate? Consequencia tão logica da nossa noção de segurança, bastaria para mostrar como é erro o ponto de partida.

A concepção da vanguarda assegurando a independencia da tropa que cobre é, além de tudo, inseparável da de «combate em retirada». A meu ver, a solidez desta ultima não é maior. (¹)

C) Consequencia muito mais grave das nossas idéas sobre o combate de segurança, é uma atrophia quasi completa da noção de offensiva.

O combate defensivo é um expediente para ganhar tempo. E' uma acção de ordem inferior, que não pôde pretender a victoria, porque supõe, e sobretudo desenvolve em quem o emprega, uma inferioridade moral que não pôde ser compensada por nenhuma vantagem material.

Essa inferioridade moral se deve á circunstancia de que o defensor subordina deliberadamente sua acção á do adversario. Espera que o inimigo manifeste sua vontade para atalhar os golpes e procurar responder.

(¹) Seria o momento de acometter francamente este velho inimigo. O combate em retirada é o sustentaculo necessário da nossa teoria da segurança. Dizer que esse sustentaculo está carcomido, é pouco: está por terra.

Os que pretendem utilisal-o pertencem a duas classes:

Os que se servem da expressão para sahir de apuros, na carta, nos casos diffíceis, sem saber o que isso significa. Attribuem-lhe uma virtude propria, um tanto misteriosa, pois pessoas instruidas falam disso com respeito;

Os que o ensaiaram lealmente no terreno e o julgam possível. Não conheço muitos que pensem dessa forma.

Nós que somos gente simples, achamos que quem se retira é porque já não quer mais nada. Retira para não se bater.

Além das numerosíssimas razões technicas que tornam impossíveis as retiradas successivas em pleno dia e diante do inimigo, existe o lado moral. Nenhuma tropa no mundo poderia resistir a semelhante prova.

Este anathema contra o combate em retirada, considerado como procedimento desejado e normal para as tropas de segurança, não tem a menor relação com os ardis, as emboscadas e a resistencia palmo a palmo em terreno coberto e accidentado. Observemos sómente que esses jogos são perigosos e com elles não nos devemos entreter muito tempo.

E é isso, sem exagero, o que nos procuram ensinar a praticar na offensiva. Antes de decidir sobre o emprego do grosso das suas forças, o chefe espera estar bem certo do que faz o inimigo; e então para-lhe os golpes e se dispõe a responder. Rebaixamos assim a offensiva ao nível moral da defesa e — sem em nada diminuir as temíveis dificuldades materiais della, lhe fazemos perder o impulso, facto único que a torna possivel.

Desde o momento em que deixamos o inimigo tomar a «pose», precisamos prever suas astacias provaveis e preparar uma parada contra cada uma das manobras que possa intentar; assim mesmo, é necessário — pois que o principal é diminuir o risco — tomar judiciosas disposições na previsão de um fracasso.

Todas estas precauções se traduzem necessariamente em destacamentos, pois já não conhecemos outro meio de segurança e «montar» um ataque tornou-se um caso de inextricável complicação.

Reconhecer para o combate, proteger os flancos, constituir no terreno uma base, escorar o ataque, preparar um recuo sem contar com as reservas.... seria necessário um *vade-mecum*.

Depois, quando assim se empregou em missões hypotheticas a metade da tropa, pôde-se pensar em atacar com o resto, em uma frente redusida e pouco a pouco, pois ainda resta alguma cousa a que é preciso dedicar especial atenção — a profundidade. (²)

Que aconteceria se não nos tivessem ensinado a economia das forças quasi tão cuidadosamente como a segurança?

Em resumo, para evitar a idéa preconcebida, instituimos a apprehensão preconcebida; é preciso receiar tudo, prever tudo, estar prompto para tudo e, em consequencia, estar por toda a parte coberto por destacamentos.

Além disto, como não se quiz tomar uma decisão antecipada, orientar-se, alargar-se, preparar-se para o combate, é indispensável que os destacamentos sejam numerosos, relativamente fortes, lançados

(²) Notemos, mais uma vez, que a sombra do absurdo acompanha sempre esse percurso. Não desejava que me obrigasse a dizer quanto é inutil assegurar os progressos ocupando os pontos de apoio conquistados no avanço, durante o tempo necessário para proteger o ataque seguinte.

bastante longe, e assim, para evitar o alargamento, vamos direito á dispersão.

O mal é profundo; estamos intoxicados de alto a baixo na escala. E' tempo de reagir, de protestar em altas vozes contra usanças incompatíveis com toda a offensiva digna desse nome.

Na verdade, nós já não atacamos; com tantas precauções, o que fazemos é «contra-atacar», isto é, fazemos a «offensiva-defensiva» ou, se quizerem, a «defensiva-agressiva», pois, para ser vencido, tanto vale uma como outra.

Conseguiremos, ao menos, estar «cobertos»; evitaremos o risco da surpresa e, — depois de tudo termos sacrificado a este ideal — temos certeza de chegar á parada?

Já o dissemos, — e nunca será de mais repetil-o — talvez tudo isso tivesse algum valor diante de um inimigo animado do mesmo espirito... defensivo. Mas, em face de um ataque amplo e brutal, sem segundas intenções e que vai direito ao seu fim, se o deixamos tomar a iniciativa, todos os nossos destacamentos de segurança não nos permitirão fazer siqueir um desenvolvimento razoável.

Concluiremos d'ahi que, na offensiva, não existe a segurança e que é impossível estabelecer-a? Certamente que não. Unicamente o que concluiremos é que perdemos a noção da segurança na offensiva.

*Segundo erro.* — A pretenção de pedir á segurança proxima os dados destinados a fundamentar a decisão do comando, nos leva necessariamente a prender que esta segurança descance por completo na acção incerta e difícil dos *destacamentos*.

Muito ao contrario, na offensiva, a segurança de uma tropa se deve buscar na propria tropa, na sua capacidade de ataque, isto é, nas disposições tomadas para atacar logo e vigorosamente. Um adversario assaltado bruscamente e por toda a parte ao mesmo tempo, só pensa em parar os golpes; já não manobra, e rapidamente se torna incapaz de qualquer offensiva séria. A rapidez com que nos empenhamos é que nos garantirá da *surpresa* e da violencia do ataque, nos protegerá contra a *manobra* do inimigo.

Levada até o absurdo, esta concepção poderia tornar-se tão perigosa como a da segurança total pela acção de destacamentos exteriores. Uma grande unidade não

póde estar sempre prompta para empenhar-se imediatamente. Além disso, é preciso prever (principalmente tratando-se dos allemães) a chegada ao campo de batalha de tropas que, subtrahidas até o ultimo momento á acção directa do comando e á atmosphera da lucta, pôdem não ter soffrido a depressão moral com que se conta.

A principio, portanto, formaremos destacamentos, mas dentro dos limites estritamente indispensaveis para completar nossas disposições interiores e com a incessante preocupação de tel-os á mão para atacar.

Esta noção de segurança baseada na superioridade moral que dá a iniciativa, — unica que convém á offensiva — não tem valor senão quanto é accepta em toda a sua integridade, sem segundas intenções. Sómente poderá empregá-la quem não abusa dos recuos, quem não se inquieta muito em saber como, em caso de fracasso, sahirá do aperto, quem não guarda recursos senão com a intenção de servir-se delles e não vacilla em lançar na linha de fogo o seu ultimo batalhão. Qualquer mesquinharia moral, a menor resistencia na offensiva, destroerá toda a sua efficacia e faz perder todas as suas vantagens.

O exemplo classico dessa mesquinharia moral nos é dado pela idéa de crystalizar em uma attitude defensiva uma parte da frente, sob pretexto de mostrar em outros pontos maior força. Já assinalamos os perigos dessa offensiva — defensiva, que parece querer crear raizes entre nós. Qualquer cousa vale mais que essa extravagante concepção, em que, ao mesmo tempo, se encontram a fraqueza moral da defeza e as dificuldades materiais do ataque. E' uma verdadeira perversão da economia das forças. (3)

Resta a applicação. Em breve nos ocuparemos della mais detalhadamente. Ob-

(3) Por outra parte, estamos completos.

No ataque só falamos em aferrar-nos ao solo, em nos estabelecermos, em nos escorarmos etc.

Para a defeza era preciso arranjar alguma cousa melhor, e assim aconteceu.

Aqui não se trata mais de aferrar-se ao solo: fala-se em ir embora! Para muita gente, na actualidade, preparar uma defeza consiste em predispor cuidadosamente um certo numero de fracassos successivos. Tanto melhor será a defeza, quanto maior fôr o numero de revézes preparados sob a forma de linhas que deverão ser evacuadas successivamente.

Mas não falamos aqui de defeza.

servemos somente, por agora, que a noção assim comprehendida da segurança offensiva é incompativel com a nossa mentalidade actual, para a qual evitar o risco é o cumulo da sabedoria. Será forçoso pre-julgar, tomar uma decisão sobre dados inseguros, será forçoso *arriscar* e arriscar muito.

Certamente que esperaes, como conclusão o «hymno» ás forças moraes. Ei-lo:

Os factores moraes não são os mais importantes, são os únicos que têm valor na guerra. Os outros não o têm senão na medida em que podem influir sobre o moral.

Este principio tem no seu bojo consequencias technicas, particularmente quando se trata da noção de segurança.

A que adquirimos constitue talvez uma solução theoricamente razoavel do problema do empenho. Por desgraça, não se pôde manter de pé desde o momento em que fizermos intervir o moral, ainda que seja sob a forma muito attenuada de uma vontade adversa, nas manobras, pois pressupõe em quem a emprega e no adversario, a mesma ausencia de espirito offensivo.

Na realidade — e seria facil demonstrar que nunca deixou de ser assim — a segurança de uma tropa no ataque se basea no seguinte facto: um homem a quem se agarra pela garganta e que está ocupado em aparar os golpes, não pôde atacar de flanco ou pela retaguarda.

O valor do methodo depende da rapidez com que se lhe salta á garganta e da força e vigor do arrôcho.

Na pratica, será preciso sacrificar tudo á rapidez e ao vigor do arrôcho immedio, destinado a determinar no adversario desde o primeiro instante, a mentalidade de um homem que se defende, sem grandes preocupações com os erros de detalhe, com o riscos accessórios e com as probabilidades de exito. Obtido este primeiro resultado, a energia da realização fará o resto, qualquer que seja, por outra parte, a indigencia da concepção. Não recuaremos nem mesmo diante do seguinte principio que só na forma é paradoxal: «Na offensiva, a imprudencia é a melhor das seguranças».

Essa segurança nós a conhecemos quando ganhavamos batalhas e mesmo suspeito que, do ponto de vista tactico, nunca tivemos outra. Em todo caso, ignorava-

mos completamente a que nos quizeram ensinar depois, e não eramos os únicos... <sup>(4)</sup>

Depois nos fizeram ver o perigo de semelhantes costumes. Na maior parte das batalhas travadas desde que ha guerra, o vencedor — por falta de segurança — tem estado sempre a um passo da sua perda e se, apesar de tudo, conseguiu vencer, deve-se isso á curiosa casualidade de que o vencido se mostrou sempre inerte, ataxico.

Agora que todo o mundo tem a sua doutrina, as cousas não se realizarão tão facilmente. Para o futuro parece que se deve prever o defensor manobreiro e o vencido recalcitrante.

Não será inutil discutir mais miudamente o perigoso sophisma que reapparece sempre que, em plena paz, se faz a autopsia de uma guerra recente. É curioso seguir-lhe os traços principalmente no vencedor, retrospectivamente impressionado com o risco corrido, humilhado ao verificar que, graças á sua imprudencia, só á inexplicavel ataxia do adversario de-

<sup>(4)</sup> Sente-se um pouco de rubor ao ter que explicar amplamente cousas tão evidentes.

Os antigos, os de Rivoli e os de Jena, seguramente não teriam comprehendido.

Menos ainda os de Magenta, aquelles que não cogitaram de constituir uma frente defensiva sobre o canal, quando Mac-Mahon verificava o rodeio. Passaram o dia fazendo-se matar, atacando encarniçadamente Ponto-Veccchio, realisando assim a mais elevada concepção de segurança com a maior innocencia. Os austriacos estavam do outro lado da agua; não passava pela cabeça de nenhum dos nossos que fosse possível ver um austriaco sem lhe saltar em cima.

A esses é que os allemaes pediram a receita de 1870.

Sem faltar ao fetichismo devido á memoria de Moltke, pode-se assegurar que os nossos vencedores foram:

Os do V corpo prussiano que, a 6 de Agosto, teimaram todo o dia em desembocar da ravina de Wœrth.

Os que, a 16 de Agosto, não puzeram flancoguarda no bosque de Oignons e não pensaram senão em ferir prompto e forte, em qualquer parte, sem preocupação de saber quem estava na frente.

Senhores, foi a brigada Wedel quem nos bateu.

Bem estas vendo: não ha methodo allemao nem francez; não ha senão o methodo dos que ganham batalhas.... e outros....

Não nos obstinemos nos «outros».

veu o exito e que quasi sempre esse exito resultou de um simples «impulso». <sup>(5)</sup>

Não nos podemos demorar mais tempo; retenhamos sómente que, entre vencedor e vencido, a miúdo não existe senão a diferença deste impulso e desta imprudencia.

Para ter probabilidades de achar a receita quando se precisar della, é preciso antes de tudo arrancar do espirito a idéa de que não é possível bater-se sem estar coberto por algo.

### CONCLUSÃO

Resumamos.

Ha alguns annos que o espectaculo das nossas manobras deixa uma impressão de anarchia nas nossas idéas tacticas. Esta impressão não carece de fundamento.

Sem embargo, somos muito instruidos, trabalhamos muito, possuímos uma doutrina. Essa sim, não a applicamos porque, instinctivamente, a julgamos inapplicavel.

Tal doutrina repousa sobre certa noção de segurança, cuja característica é o temor do risco. Antes de empenhar o grosso das forças, é preciso saber o que faz o inimigo, o que se deve fazer em consequencia; e como, para proporcionar esse dado, só ha o combate de empenho, resulta d'ahi que na offensiva, da mesma forma que na defensiva, toda manobra se basea no emprego de destacamentos de segurança.

Temos procurado demonstrar a que extremo isso nos pode levar:

1.<sup>o</sup> Essa noção de segurança é incompatible com as necessidades de combate de hoje. Sentimos a urgencia de nos empênharmos desde o começo em frentes amplas e para isso ha boas razões. Tornase, então, necessário, tomar de antemão, sem empenho previo, uma decisão que presupponha o emprego do grosso das forças;

2.<sup>o</sup> Ella agrava a crise das frentes. Obrigados a prever tudo o que possa fa-

<sup>(5)</sup> Encontram-se disso exemplos surprehendentes nos escriptos táticos de Moltke. Felizmente para os allemaes, seus chefes de tropas não aplicavam em 1870 os principios que, de vez em quando, se encontram nesses escriptos.

Exemplo mais surprehendente, porém, temos nos russos:

A lembrança de Plewna, a impressão deixada pela admirável brutalidade de Skobeleff na alma de um excellente official de Estado-Maior, fizera um Kuropatkine.

zer o inimigo e a parar seus golpes com destacamentos, estendemos nossa frente sem medida, multiplicamos os destacamentos e cahimos na dispersão;

3.<sup>o</sup> A missão que seria preciso confiar aos destacamentos de protecção para realisar a «nossa» segurança, é perigosa e inefficaz (vanguarda geral, combate em retirada...)

4.<sup>o</sup> A vulgarisação de tal concepção adulterou entre nós a noção de offensiva.

O facto de esperar uma manifestação da vontade, da parte do inimigo, antes de nos decidirmos, é inherente á defensiva. Não concorda com a unica segurança possivel na offensiva, que consiste na paralysia do inimigo *mediante ataque*.

E' preciso que nos contentemos em procurar o inimigo para atacal-o; o que elle pretende fazer nada importa, pois que temos a pretenção de impôr-lhe a nossa vontade.

Isto não se concilia, é claro, com as meias medidas; qualquer reticencia no ataque, faz perder a efficacia do methodo.

O costume muito em voga de empregar a frente e misturar habilidosamente a offensiva com a defensiva, é a morte de toda offensiva.

E' preciso reagir, e vigorosamente.

Resta-nos dizer como se poderia abordar o difficult problema do empenho das grandes unidades.

Já sabemos de que maneira os allemaes pensam resolvê-lo, sendo as suas manobras, á primeira vista, mais desarrazoadas do que as nossas.

Não nos apressemos em réjubilar. Impressiona, effectivamente, reconhecer entre elles um culto tão intenso pela offensiva, que aceitam conscientemente tales invencibilhanças, sem outro fim que o de incrustar a todo custo em cada cabeça allema a seguinte verdade: «A melhor segurança consiste no ataque a fundo; a energia da execução redime todas as deficiencias e compensa todos os erros».

Felizmente não foram até o extremo da sua logica. A paixão delles pela ordem e pelo methodo, tanto como a lembrança do risco muitas vezes corrido em 1870, por causa da imprudencia das suas vanguardas, os desviaram do caminho recto.

Perderam de vista que a segurança offensiva com que contam, exige não sómente violencia e simultaneidade dos ataques, como tambem rapidez no empenho. Necessitam tempo, muito tempo, para se

disporem em batalha e prepararem o envolvimento.

Talvez sejam esses os «pés de barro» do colosso.

Quando nos resolvemos a não lhes dar esse tempo nem esperar que façam o que quizerem para tomarmos uma decisão, poderemos com certeza imaginar um esforço que seja ao mesmo tempo mais rápido na offensiva e menos brutal em imprudência que o oferecido por elles.

Senhores, temos *retalhado*; trataremos de *alinhar* em uma proxima conferencia.

(Continúa).

## Os seis meses de praça para matrícula na Escola Militar

O artigo 54 do regulamento vigente para a Escola Militar estabelece, muito acertadamente, como condição para matrícula nesse instituto de ensino, salvo exceções do seu § único, *ter o candidato, no mínimo, seis meses de praça e efectivo serviço durante esse tempo em um dos corpos do Exército*.

Este artigo traduz a intenção de só matricular na escola, moços que nos corpos tenham demonstrado aptidão para a carreira das armas, a par das qualidades morais e físicas que a tropa evidencia, tão facilmente, nos soldados que soffrem a ação dos regulamentos.

Não ha dúvida que, observando attentamente o soldado durante seis meses de instrução e efectivo serviço, o capitão e os subalternos da pequena unidade que o incorporou, podem assignar um juizo muito valioso sobre a conveniência ou inconveniência da sua matrícula na escola militar.

Ninguem melhor do que os officiaes dos corpos do Exército, poderá pronunciar-se em tal julgamento porque, diariamente, elles são forçados a observar e comparar todos os homens que educam.

Si a exigencia do artigo 54 fosse geral, isto é, expurgada das exceções destruidoras do seu parágrafo único, e si os officiaes dos corpos soubessem que esse artigo significa a sua colaboração no recrutamento da escola, excellentemente seria o resultado colhido pelo nosso futuro quadro de officiaes. Os corpos compreenderiam que a escola precisava matricular bons soldados e experimentariam convenientemente os candidatos, forçando-os a mostrar ou desenvolver o seu pendor militar.

O exame de recrutas, os exercícios principais de atirador de 2.ª classe, o exame de sinaleiros e outras provas tão razoáveis, dentro dos seis meses de praça que o intelligent candidato precisa ter, obrigarão ao conhecimento da vida real do soldado, e o imporiam desde os seus primeiros passos.

O preceito do artigo 54 que já foi tão sábientemente introduzido em alguns regulamentos, precisa ser realizado, cumprido sinceramente e sem exceção. Até hoje, em absoluto, só tem sido realmente exigida para matrícula nas nossas

escolas militares, a condição da alínea f do artigo 55 (exames preparatórios), porque as outras são burladas, apesar da fiscalização das administrações escolares.

O artigo 54 constitue o melhor processo de fiscalização e, desde que annualmente sejam designadas as unidades para receber candidatos à matrícula, acabará de vez o vicio implantado de considerar como única condição para candidatar-se ao officialato, o ter um certo numero de exames.

Todos os annos, após os exames de instrução, os commandantes de divisão poderiam indicar, como uma distinção, quais as unidades que no anno seguinte deveriam receber os voluntários candidatos á Escola Militar.

Assim seria cumprido honestamente o artigo 54, a vocação dos candidatos seria observada e evitar-se-ia que a escolha dos futuros officiaes fosse feita *no dia do seu nascimento*.

E indispensável que todo o candidato a matrícula se inicie, *não nas secretarias dos corpos ou em unidades e estabelecimentos onde, além de ter todas as concessões pela razão única de ser candidato, finge-se disciplina e brinca-se de batalhão, mas no efectivo serviço de um corpo de tropa*, ao lado dos seus colegas sorteados, com todo o onus de ser soldado e com todas as exigências do moderno recruta.

## Troca de unidades entre as I, II e IV Divisões do Exército

A organização das unidades que não tiveram efectivo em praças nos annos de 1915, 1916 e 1917 e sua consequente articulação em brigadas e divisões, está pedindo uma modificação nas respectivas paradas ou, o que é mais simples e mais económico, uma troca de corpos entre as divisões.

Aquellas unidades, independentes como estavam, foram se organizando onde a necessidade e os recursos aconselhavam. As suas paradas hoje, em alguns casos, muito difficultam o comando e prejudicam a administração. Já está nomeado o commandante para a 2.ª divisão do exercito e é de esperar que, como essa, as outras também sejam constituídas com todos os seus quartéis-generaes.

D'ahi a conveniência de modificar o Decreto 11.498 de 23 de Fevereiro de 1915, no sentido de facilitar a articulação que nos ocupa.

Essa modificação é uma providencia simples, para a qual o executivo está amplamente autorizado e tem a vantagem de ser, como já adiantamos, o processo mais económico para resolver a questão. Ela não trará nenhum prejuízo para o que se tem feito, facilitará o aproveitamento das energias despendidas e não ferirá as tradições das unidades porque essas brigadas e divisões, exactamente agora, iniciam a sua existência efectiva.

Não é lógico que, enquanto o 40, 41 e 42 batalhões de caçadores, que pertencem á 6.ª região militar e 4.ª divisão do Exercito, tem parada nas 2.ª e 3.ª regiões militares, o 5.º regimento de infantaria que pertence á 1.ª divisão, tenha parada na 6.ª região, ficando sob a ação do commandante da 4.ª divisão; não se explica que o 12 regimento de infantaria

esteja na 2.<sup>a</sup> região como elemento da 2.<sup>a</sup> divisão, que tem as suas forças na 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> região, enquanto o 6.<sup>o</sup> regimento de infantaria que é da 1.<sup>a</sup> divisão está sendo organizado na 6.<sup>a</sup> região; não se comprehende, também, que o 54 batalhão de caçadores que é da 6.<sup>a</sup> região e 4.<sup>a</sup> divisão, esteja na 4.<sup>a</sup> região sob acção do commandante da 2.<sup>a</sup> divisão, enquanto o 60 batalhão de caçadores que é da 2.<sup>a</sup> divisão se conserva na 6.<sup>a</sup> região sob a acção do commandante da 4.<sup>a</sup> divisão. Como esses, ha outros casos que podem ser facilmente resolvidos em um decreto com grande proveito para o Exercito.

Ha, entretanto, alguns casos que requerem uma situação provisoria excepcional, mas que pode ser regulada de modo a não perturbar a articulação da maioria das unidades. Sendo difficulte e pouco aconselhavel, manter numerosas tropas nas 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> regiões, podíamos tirar partido dessa circunstancia para organizar com unidades da 1.<sup>a</sup> divisão as forças da circunscripção de Matto-Grosso. Para isso podiam ser transferidas para a 1.<sup>a</sup> divisão o 13 regimento de infantaria e 3.<sup>o</sup> regimento de cavallaria e, si é difficulte a substituição do 5.<sup>o</sup> regimento de artilharia montada, não haverá inconveniente em determinar que, provisoriamente, a 2.<sup>a</sup> brigada de artilharia seja constituída com o 10.<sup>o</sup> regimento de artilharia montada, 19.<sup>o</sup> grupo da artilharia de montanha e 2.<sup>o</sup> grupo de obuzes.

As transferencias de paradas que julgamos indispensaveis são apenas *tres* e das mais economicas: a do 40 batalhão de caçadores do Rio Grande do Norte para o Estado do Rio de Janeiro e as do 1.<sup>o</sup> grupo de obuzes e 10.<sup>a</sup> companhia de metralhadoras, respectivamente do Estado do Rio e São Paulo para o Rio Grande do Norte. Só estas tres transferencias acarretam despesa.

Podemos resumir nas seguintes indicações as trocas, transferencias e outras medidas de carácter provisorio, indispensaveis para facilitar a articulação das unidades e dar maior liberdade de acção aos commandos de divisão:

#### Transferir

- da 1.<sup>a</sup> para a 8.<sup>a</sup> brigada da infantaria, o 5.<sup>o</sup> regimento de infantaria.
- da 2.<sup>a</sup> para a 8.<sup>a</sup> brigada de infantaria, o 6.<sup>o</sup> regimento de infantaria.
- da 8.<sup>a</sup> para a 1.<sup>a</sup> brigada de infantaria, o 13.<sup>o</sup> regimento de infantaria.
- da 8.<sup>a</sup> para a 4.<sup>a</sup> brigada de infantaria, os 40, 41 e 42 batalhões de caçadores.
- da 4.<sup>a</sup> para a 2.<sup>a</sup> brigada de infantaria, o 12.<sup>o</sup> regimento de infantaria.
- da 4.<sup>a</sup> para a 7.<sup>a</sup> brigada de infantaria o 60.<sup>o</sup> batalhão de caçadores.
- da 7.<sup>a</sup> para a 4.<sup>a</sup> brigada de infantaria o 54.<sup>o</sup> batalhão de caçadores.
- da 1.<sup>a</sup> para a 4.<sup>a</sup> brigada de infantaria a 7.<sup>a</sup> companhia de metralhadoras.
- da 4.<sup>a</sup> para a 1.<sup>a</sup> brigada de infantaria a 10.<sup>a</sup> companhia de metralhadoras.
- da 1.<sup>a</sup> divisão para a 2.<sup>a</sup> o 14.<sup>o</sup> regimento de cavallaria.
- da 2.<sup>a</sup> divisão para a 1.<sup>a</sup> o 3.<sup>o</sup> regimento de cavallaria.

#### Transferir as paradas

- da 10.<sup>a</sup> companhia de metralhadoras e do 1.<sup>o</sup> grupo de obuzes para o Rio Grande do Norte.
- do 40.<sup>o</sup> batalhão de caçadores para o Estado do Rio de Janeiro.

#### Estabelecer que

- a 1.<sup>a</sup> brigada de infantaria só será organizada em caso de mobilisação, ficando os 44.<sup>o</sup>, 45.<sup>o</sup> e 46.<sup>o</sup> batalhões de caçadores e 10.<sup>a</sup> companhia de metralhadoras, subordinados directamente ao commando da 1.<sup>a</sup> divisão.
- a 1.<sup>a</sup> divisão ficará provisoriamente sem a sua tropa divisionaria.
- o 4.<sup>o</sup> batalhão de engenharia e o 1.<sup>o</sup> corpo de trem ficam considerados, provisoriamente, como elementos, respectivamente, da 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> divisão do Exercito.
- o 13.<sup>o</sup> regimento de infantaria, o 5.<sup>o</sup> regimento de artilharia montada e o 3.<sup>o</sup> regimento de cavallaria, ficam considerados, provisoriamente, tropas da circunscripção militar do Matto-Grosso.
- a 2.<sup>a</sup> brigada de artilharia ficará, provisoriamente, organizada com os: 10.<sup>o</sup> regimento de artilharia montada, 2.<sup>o</sup> grupo de obuzes e 19.<sup>o</sup> grupo de artilharia de montanha.

Não é preciso encarecer o resultado dessas medidas que permitirão organizar perfeitamente as 2.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> divisões e definirão as condições especiais da 1.<sup>a</sup>, unica que não ficará completa.

Só assim os estados-maiores dessas grandes unidades e a 2.<sup>a</sup> secção do Estado-Maior do Exercito poderão trabalhar proveitosamente sob a previsão de qualquer circunstancia duravel. Todas as vantagens da articulação das unidades em brigadas e divisões, passarão do papel para a realidade.

Agora que os quarteis-generaes estão perdendo o carácter puramente burocratico e, em vez de distribuidores de empregos e outras concessões que só perturbavam a vida dos corpos, já exigem e fiscalizam a instrucção, esforçando-se para a sua uniformidade, agora que os nossos luzeiros já se orgulham mais de montar bem e dirigir manobras do que de fazer politica e construções civis, não se deve evitar a articulação das unidades.

E, si não forem generaes os commandantes de algumas brigadas, como é de esperar em vista do seu numero, poderão ser distintos coroneis em commissão, para mostrar as qualidades com que concorrerão ao generalato.

Será este mais um beneficio decorrente da organização das brigadas e mais uma vantagem das alterações que pedimos, porque, só com ellas, esses coroneis terão a autonomia e o estimulo que os commandos de divisão podem despertar.

**Art. 7º dos Estatutos — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos.**

## Exercício de artilharia sobre a carta

(Carta de Grumatan)

*Situação geral.* Fronteira a orla S. da carta de Grumatan. Todos os cursos dagua vadeaveis. Verão. Bom tempo.

Uma divisão azul batida na fronteira recou sem poder ser perseguida, para a linha Aldeia Passo Fundo-Villa São José.

O inimigo aguarda reforços para retomar a offensiva. Sua cavallaria não conseguiu passar a linha Convento-Usina Electrica.

*Situação particular do partido azul.*

Tropa: V. Br. I., I. G. A., 1.º/13.º R. C. O general A., cdte. deste destacamento e da V Br. I., recebe em Villa S. José, ás 10<sup>00</sup> de 28. 7. 15., ordem de ocupar defensivamente Villa da Penha e Villa São José, estendendo-se para NE, afim de impedir o envolvimento que, segundo parecia, o inimigo ia tentar por esse lado.

A's 11<sup>00</sup> o general A. recebe uma informação de que o 1.º/13.º R. C., que se achava em Villa Operaria, havia sido repelido dahi e retirára para o N., perseguido por forças superiores de cavallaria.

\*

\* \*

A's 10<sup>05</sup> o general A. informa verbalmente ao major B. do I G. A., que como cdte. da artilharia se achava junto d'elle, sobre a ordem que recebeu, sobre a sua intenção de ocupar com a sua Br. o morro a L. das duas aldeias, o 1.º R. I. á direita da estrada real, o 2.º R. I. á esquerda e, depois de uma breve troca de idéias (320 do R. E. I) sobre a collocação mais conveniente do grupo, lhe ordena que occupe posição na linha de alturas a NO. de S. José, ficando em vigilancia sobre a zona desde Observatorio até Fabr. de Tecidos. E conclue: «Eu fico aqui».

O cdte. do grupo repete summariamente a ordem recebida e afasta-se.

O general A. manda chamar os seus cdtes. de R. I. e dá-lhes a ordem.

\*

\* \*

O cdte. do grupo estuda a carta, segue ao galope até á Fabr. de Ceramica, ao SE. de S. José e manda ordem aos cdtes. de baterias por um estafeta (cavalleiro) que lá se lhe apresentem.

Quando estes lá chegam, ás 10<sup>20</sup>, dá-lhes

a seguinte Ordem: 1.º (R. T. 119 §§ 2.º e 3.º). Do inimigo nada de novo.

O nosso destacamento organisa-se defensivamente em Villa da Penha e S. José, contando com um movimento envolvente pela esquerda.

2.º A brigada vai ocupar este morro, 1.º R. I. á direita da estrada, 2.º R. I. á esquerda.

3.º O grupo toma posição coberta atraz d'aquellas colinas a NO. de São José, duas baterias a O. da estrada, uma a L., na ordem numerica da direita para a esquerda. Postos de observação: (R. T. 123, 124 § 1.º e 125 § 1.º) do grupo, da 1.ª e da 2.ª no alto da Villa da Penha; da 3.ª na frente da bateria.

Ligaçāo telephonica da 3.ª commigo; no mais signaleiros. O capitão D. (da 1.ª) leva um subalterno consigo (R. T. 2, § 3.º e 4.º).

4.º Observador auxiliar (R. T. 121 e 24 § 2.º, 3.º e 4.º) o Sr. tenente F., 1 sargento e 1 ordenança, junto á Officina de Canteiro, ligação telephonica com a 3.ª bateria.

5.º Ponto principal de orientação (R. T. 126 § 2.º) o pico da Fundição ao N. da Villa Operaria.

6. Zonas de observação: (R. T. 120 § 1.º) 3.ª bateria desde Obs. Meteorológico até Off. da Esc. Profissional; 1.ª bateria dahi até ao p. p. o.; 2.ª deste ponto até Fabr. de Vidros.

7.º Baterias em vigilancia.

\* \* \*

Quanto á ligação com a primeira linha de combate (R. T. 120 § 2.º) o major B. julga-se dispensado de qualquer medida especial por ter boa ligação pela vista com essa linha, e haver estabelecido um observador auxiliar.

Os capitães repetem cada um por sua vez, em essencia, o que lhes diz respeito nessa ordem e dirigem-se ao local indicado para posição de suas baterias afim de determinarem a situação das respectivas linhas de fogo. Em seguida orientam os planos de tiro de suas baterias e vão ocupar seus observatorios.

O major B. manda participar ao general que escolheu seu observatorio na Villa da Penha e para lá segue pela estrada mais curta, fazendo-se anteceder pelo seu ajudante a quem incumbe a installação do observatorio, com o pessoal respectivo.



\*  
\* \*

Acompanhemos o capitão E., da bateria esquerda, nas suas operações.

A sua bateria deve ficar situada de tal modo que não seja preciso mudar de posição para poder continuar a bater o inimigo ainda quando elle ocupar o morro da Fabrica de Ceramica. Isto significa que a bateria dever ter o espaço morto no maximo de 1300 m — distancia da crista da cobertura á Fabrica de Ceramica. E = 1300; o angulo de tiro correspondente é F = 31 millesimos.

Estimando o angulo de sitio da bateria em relação ao limite da zona a bater (Fabrica Ceramica) em 210, isto é + 10, tem-se C = 31 + 10 = 41 valor de angulo de cobertura, isto é, angulo de sitio da cobertura em relação á bateria. (Compl. do R. T. 16).

Entremos o servente da luneta (R. T. 2 § 1.º) estacionou este instrumento, por indicação do capitão, na crista, junto á estrada, em condições de ver o p. p. o. e sem se descobrir demasiadamente em relação á zona de observação da bateria.

Dando ao reflector da luneta a deriva vertical 160, isto é, angulo de sitio, — 40, volta a objectiva para a retaguarda e determina, pela incidencia da visada no terreno e deslocando o reflector lateralmente, a posição limite para a bateria. Acha assim, que a peça direita fica no pé do morro, onde começa a baixada que o separa do morro da Coudelaria da Lagôa. A posição fica na curva 110 e a 200 m ao NE. da estrada.

Admittamos que a linha de fogo seja mesmo ali; é claro que de qualquer ponto mais afastado, a bateria com mais forte razão poderia atirar até ao limite referido, sem encistar, porque o angulo de cobertura tornar-se-ia menor.

O ponto escolhido para a peça direita, fica a 500 m da crista e a 20 m abaixo d'ella, portanto o seu angulo de cobertura é  $\frac{20}{500} = \frac{40}{1000}$ , como é preciso.

A bateria que já se acha na vizinhança da posição, na estrada, faz então a ocupação.

Em quanto isto o capitão collima a luneta para o p. p. o.

Supponhamos que elle obtenha a pa-

$$\text{ralaxe de } \frac{200}{3400} = \frac{60}{1000};$$

200m = distancia da peça-base á linha lu-

neta-p. p. o.; 3.400m = distancia da peça-base ao p. p. o.

Como a luneta se acha á direita do plano-de-tiro = base, a deriva inicial é negativa. Então, posto o reflector em 63.40, o capitão visa o pico da Fundição: está a luneta collimada, isto é, prompta a tornar os planos de tiro das peças paralelos ao seu plano O-32.

Estando a bateria a 500m do observatorio a luneta não será muito bem visivel ás peças; o capitão resolve por isso dar a deriva sómente á peça-base, deixando ao subalterno a orientação das demais. (R. T. 68 § 4.º). (\*)

Uma vez as peças em posição já o subalterno, cdte. da linha de fogo, (\*\*) recebe do capitão por um estafeta a cavallo o seguinte commando inicial, escripto:

«B. em vigilancia! P. p. á retaguarda! Peça direita p. á luneta, deriva 510! S. 205! A. 30!»

O subalterno transmite estes elementos á peça-base e em seguida fal-a referir sua direcção ao canto da casa da Coudelaria, junto á estrada; lê a deriva de referencia, seja 30.20, e commanda:

«Bateria em vigilancia! Ponto de pontaria á retaguarda! Canto da casa junto á estrada! Sitio 205! Alça 30! Deriva 30.20, escalonar de —25!»

O escalonamento das derivas para se obter o parallelismo dos planos de tiro vem da esquerda quando o p. p. é situado á retaguarda; aqui é preciso tornal-o negativo porque a peça-base é a direita. Sua grandeza é dada pela parallaxe do p. p. em relação á frente de secção. Sendo esta de 15m e a distancia da peça-base ao p. p. = 600m tinha-se o escalonamento

$$\text{de } \frac{15}{600} = \frac{25}{1000}$$

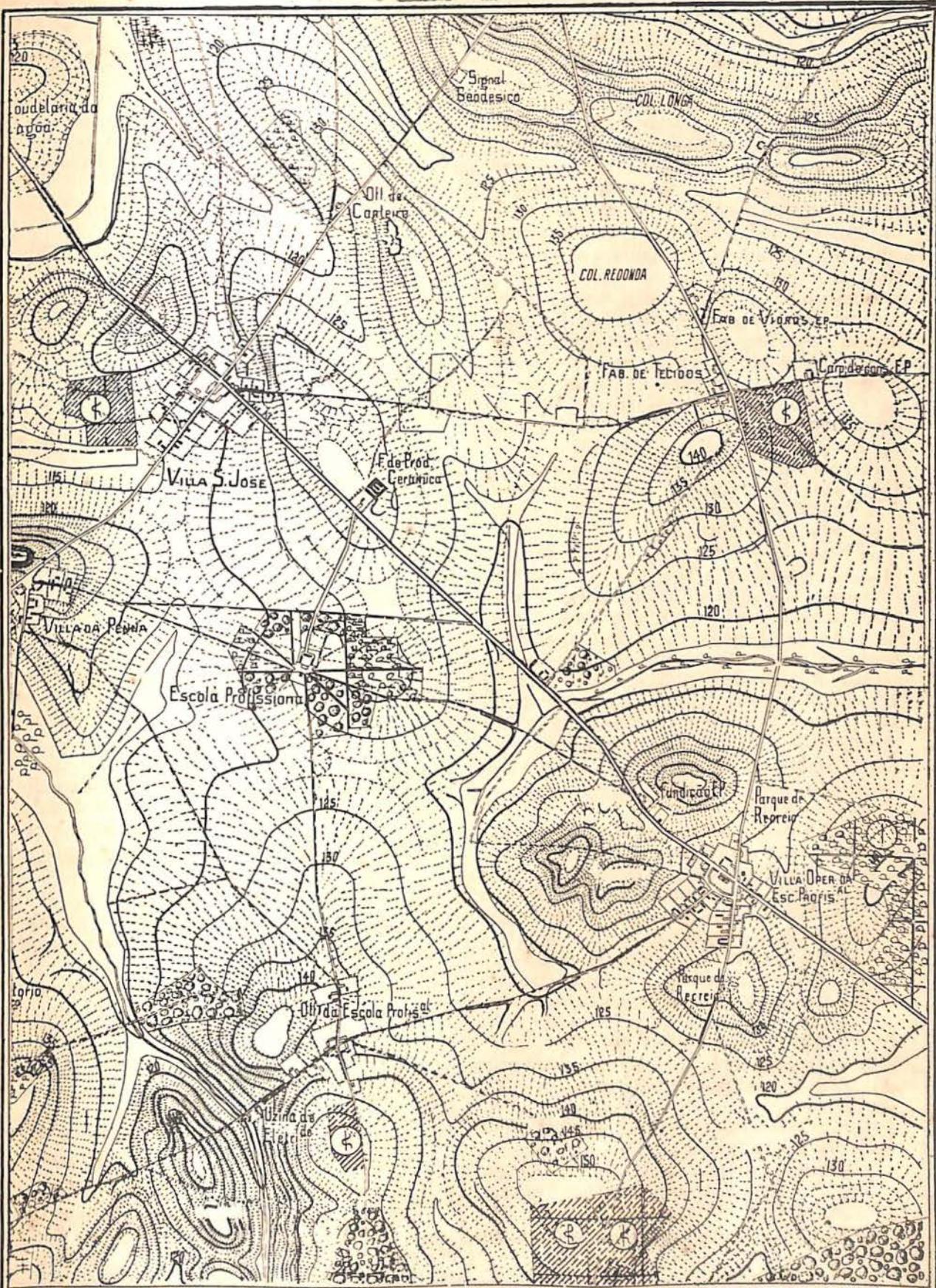
Orientadas as peças, o cdte. da linha de fogo manda signalisar (R. T. 5 § 4.º) ao capitão: «Conclusão!»

O capitão manda ao major, pelo telephone, a seguinte participação:

3.<sup>a</sup> Bateria, prompto! Para L<sub>e</sub> e SE. minha vista é limitada (R. T. 125 § 2.º) pelo morro da Fabr. de Ceramica; mandei tenente G. reconhecer posição entre referido morro e o da Officina de Canteiro, de modo a poder bater a baixada a leste do citado primeiro morro.»

(\*) Nota accrescentada em 1918: Vd. R. E. A. 149.

(\*\*) Id.: Vd. R. E. A. 127, 2.<sup>a</sup> parte.



A esse tempo as duas outras baterias tambem estão promptas, inclusive a sua ligação por signaleiros com os capitães.

Às 11<sup>30</sup> as forças vermelhas procedentes de SE. chegam á Villa Operaria, onde se acham desenfiadas ás vistás da força azul. O cdte. vermelho que já teve comunicação de sua cavallaria sobre a presença dos azues nas villas da Penha e S. José e de seus entrincheiramentos a L. d'essas povoações, adiantou-se, com o cdte. da vanguarda e o da artilharia, para o morro da Fundição, e depois de reconhecer pessoalmente as posições inimigas resolve atacar na direcção de S. José, um batalhão á direita da estrada, outro á esquerda, e fazer o grupo tomar posição para apoiar esse ataque.

O grupo só acha posição em pequeno desenfiamento (Compl. do R. T. 8 § 4.<sup>o</sup>), sendo duas baterias aos lados da estrada, junto á sahida NO. da Villa, e a terceira 500<sup>m</sup> ao N. da Villa.

\*  
\* \*

Quando a infantaria vermelha se desenvolve o cdte. do grupo azul dá esta *Ordem*: «2.<sup>a</sup> Bateria atiradores á esquerda da estrada, 1.<sup>a</sup> atiradores á direita, regulação respectivamente com a secção esquerda e direita. (R. T. 132, § 1 e 135) 3.<sup>a</sup> Bateria toda a attenção ao pico da Fundição e ao do morro a SO. d'ella.»

O capitão da 2.<sup>a</sup> commanda:

«Sht! Só a 2.<sup>a</sup> s.! C. 10! A 32! F!»

O da 1.<sup>a</sup> commanda:

«Sht! Só a 1.<sup>a</sup> s.! C. 10! A. 33! Deriva —70! F!»

Como as distancias fôram determinadas com bastante approximação — mesmo que não se estivéssé no territorio patrio, teria havido bastante tempo para determinar as distancias aos pontos mais notaveis (Vér R. T. 128) — ambos os capitães obtiveram tiros aquem do objectivo, mas a distancia que não excede a grandeza do garfo (R. T. A. 60, § 2 e 59) desejadão, razão porque ambos passam, sem perda de tempo, ao tiro de efficacia.

O capitão da 2.<sup>a</sup> commanda:

«Toda a bateria! C. 12! Mesma alça! Um grupo!»

O da 1.<sup>a</sup> bateria:

«Toda a bateria! C. 12! Mesma alça! Um grupo!»

D'ahi em diante os capitães coman-

darão alterações na alça e na deriva de accordo com as observações e com a velocidade e direcção do movimento dos atiradores. Como estes irão descendo á medida que avançarem convirá ir diminuindo o corrector ao mesmo tempo que a alça ou de preferencia o angulo de si-  
tio e a alça.

\*  
\* \*

O capitão da 3.<sup>a</sup> B. percebe algumas pessoas no pico da Fundição e reconhece mesmo uma luneta de bateria. Elle comanda immediatamente (R. T. 127, § 2; 137):

«Sht! Toda a b.! Sitio 210! A. 32! Escalonar por secção! Deriva escalonar de —4! Um grupo!» (R. T. 96).

Era mesmo um caso de iniciativa do capitão; nada de aguardar ou pedir ordens. Depois fará a comunicação. Aliás o maior saberá do que se trata logo que vir os arrebentamentos no Pico.

O escalonamento da deriva tem por fim concentrar o feixe dos planos de tiro sobre o da peça direita. O escalonamento da alça (\*) é por secção em vista da confiança na estimação da distancia.

O estado-maior desaparece do Pico, ou dissimula-se melhor; a 3.<sup>a</sup> b. cala-se.

\*  
\* \*

A artilharia vermelha abre seu fogo, deixando reconhecer distintamente pelos clarões que duas baterias as quaes batem a infantaria azul, acham-se situadas entre os morros a NO. da Villa Operaria, e uma bateria a NE. do pico da Fundição, a qual contrabate a nossa artilharia.

O cdte. do grupo achando sufficientemente pronunciada a direcção do ataque, isto é, que o inimigo não se apresenta pelo valle ao S. de S. José, reconhece que o observatorio da bateria esquerda não está bem situado para que ella possa cooperar contra o ataque, dá a seguinte

*Ordem á bat. esquerda*: «Artilharia 50 millesimos á esquerda do p.p.o. Distancia approximada 3.500. Dados os elementos, mandaes Tte. F. abrir o fogo e comandar o tiro enquanto mudais o vosso obs. para o morro da Off. de Canteiro.»

O capitão vê os clarões da bateria ini-

(\*) Nota accrescentada em 1918: Vd. R. E. A. 139.

miga (perfil. n. 1); mesmo estando a sua bateria á esquerda do obs. do grupo, isto é, do mesmo lado do objectivo em rel. ao p. p. o., e estando aquelle obs. mais perto do obj. do que a bateria, concluirá embora grosseiramente que a deriva para a bateria deve ser maior do que a indicada.

No seu caso elle faz, ou manda o servente da luneta fazer a medição e *Comanda*: Grt! Só a s. esq! C. 10! Alça 35! Deriva +70! Communicar ao Tenente F. estes elementos, que o objectivo é artilharia ao N. da Villa Operaria e que elle do seu observatorio assuma o commando da bateria até que eu me mude para lá. A bateria muda o signaleiro da linha de fogo para a esq.»

O cdte do grupo dá em seguida a seguinte

*Ordem ás baterias 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>:*

«2.<sup>a</sup> Bateria, artilharia a NO. da Villa Oper.; 1.<sup>a</sup> Bateria bater toda a linha de atiradores.»

Supponhamos que a 2.<sup>a</sup> bateria com as successivas correcções de deriva commandadas para acompanhar o deslocamento dos atiradores á esquerda da estrada — seu primeiro objectivo — tenha chegado a um aumento de 300; agora commandará:

«Bateria alto! Grt! Só a s. d! C. 10! Alça 35! Deriva menos 370! F!»

O cdte. da bateria direita, em vista de terem grande intervallo uma da outra as duas linhas de atiradores, não acha conveniente batel-as alternadamente com toda a bateria (R. T. 69, 1.<sup>º</sup> período), porque isso exigiria interrupções consideráveis no fogo pela necessidade do desancoreamento cada vez que mudasse a direcção do tiro; resolve então dividir o objectivo total pelas duas secções e commanda

«Secção direita! mesma alça! Dois grupos! (R. T. 42). S. esq., mesma alça! deriva +300! Dois grupos!»

Uma vez regulada a direcção das secções, commandará «toda a bat.» com os mesmos elementos, ou a alça escalonada por secções conforme a sua observação, e encarregando da observação do tiro de uma das secções o subalterno que ha de ter junto a si.

Pelo numero dos clarões o capitão C. (bateria centro) reconhece que o objectivo conta oito peças ocupando uma frente de  $\frac{60}{1000}$ . Em todo caso regulado o tiro elle dá a sua primeira série de grupos de effi-

cacia sem nenhuma correcção de direcção, até ter as alças favoraveis (R. T. 84), e só então commandará uma deriva de —40 para passar a bater a outra metade da artilharia inimiga. Essa deriva é a que elle mede do 1.<sup>º</sup> clarão ao 5.<sup>º</sup>.

O partido vermelho pronuncia o ataque mais fortemente contra o bosque da Escola Profissional, não só com a sua infantaria mas tambem, com as duas baterias ao S. do pico da Fundição.

Estas duas baterias agem correctamente de accordo com a lei fundamental do emprego da arma: *apoiar a infantaria*, portanto tomar sempre por objectivo a força inimiga que mais impede o avanço da infantaria ou que mais depressa se deseja desalojar ou inutilizar, sem embargo do fogo de que se é alvo das contrabaterias inimigas.

O commandante do grupo azul por sua vez vendo que essas baterias são a força inimiga que maior dano causa á sua infantaria, mais lhe difficultando manter sua posição no citado bosque, dá a seguinte

*Ordem*: 3.<sup>a</sup> Bateria, artilharia ao S. do Pico da Fundição; a 2.<sup>a</sup> bateria tem o garfo 35—36, corrector de efficacia 14. Estas duas baterias cruzam fogos!»

Subentende-se nessa comunicação do garfo, de que elle se reporta á crista atraz da qual se vêem os clarões. (R. T. 4 § 1.<sup>º</sup>). O cruzamento dos fogos é necessário porque do novo observatorio do cdte. da 3.<sup>a</sup> bat. elle vê melhor a porção direita do novo objectivo.

O capitão da 3.<sup>a</sup> commanda:

«Bateria alto! Toda a bateria! C. 14! A. 35! Deriva —160! Um grupo!»

O capitão da 2.<sup>a</sup> que estava justamente batendo a metade esquerda da artilharia inimiga, reconduz o seu feixe para a direita, commandando:

«Mesma alça! Deriva +40! Um grupo!»

\*  
\* \*

A artilharia azul produz consideravel efecto nas duas baterias inimigas, o que se percebe pela diminuição do seu fogo.

A' vista d'isso o cdte. do grupo resolve lançar o tiro da 3.<sup>a</sup> bateria tambem contra a infantaria, linha ao S. da estrada.

Como resultado deste reforço dos fogos da artilharia inimiga, e da insufficiencia do apoio pela artilharia amiga a infantaria vermelha tem o seu ataque detido.

\*  
\* \*

Terminando aqui o exercicio convem ainda reflectir sobre a collocação que teriam os armões das baterias azues, e a columna ligeira de munições do grupo. Quanto a esta, devendo ficar a cerca de 600m da linha de fogo, ficará bem instalando-se desenfiada na Coudelaria da Lagôa, ligação por signaleiros com as baterias.

Os armões das viaturas-peças e viaturas-munições das baterias ficarão os da 3.<sup>a</sup> bateria á esquerda, os da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> á direita da linha de fogo, aproveitando a cobertura natural proporcionada pelo terreno.

\*  
\* \*

Poder-se-á criticar o emprego da bateria direita vermelha: o seu efecto contra a artilharia azul, em grande desenfiamento (perfil 8) deve ser insignificante, pois não ha por ora nenhuma indicação que permitta limitar a profundidade do tiro progressivo (R. T. 81, § 1.<sup>o</sup>) e é de cerca de 800m pelo menos o espaço dentro do qual pode variar a posição das baterias azues atraç de suas coberturas. Só depois que alguma patr. de cav. ou patr. de oficial de artilharia conseguir chegar ao morro do Signal Geodesico, e informar a que distancias das cristas approx. te se acham as baterias é que o tiro contra elas terá mais probabilidade de exito com menor dispendio de munição.

1º Tenente *Bertholdo Klinger.*

Fab. de Prod. Ceramica, 28. 7. 15.—10<sup>20</sup>

Ordem ao I. G. A.

- Do inimigo nada de novo. O nosso destacamento estabelece-se defensivamente em Villa da Penha e S. José, contando com um movimento envolvente pela esquerda.
- A brigada vai ocupar este morro, 1.<sup>o</sup> R. I. á direita da estrada, 2.<sup>o</sup> R. I. á esquerda.
- O grupo toma posição coberta atraç daquelas collinas a NO. de S. José, duas baterias a O. da estrada, uma a L., na ordem numérica da direita para a esquerda.

*Postos de observação:* do grupo, da 1.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup> no alto da Villa da Penha; da 3.<sup>a</sup>, na frente da bateria.

*Ligação telephonica* da 3.<sup>a</sup> commigo, no mais signaleiros. O capitão da 1.<sup>a</sup> leva um sub-alterno para o observatorio.

4. *Observador auxiliar* o Sr. Tte. F. (da 3.<sup>a</sup>), 1 sargento e 1 ordenançia, na Officina de Canteiro, ligação telephonica com a 3.<sup>a</sup> bateria.

5. *Ponto principal de orientação* o pico da Fundição ao N. da Villa Operaria.

- Zonas de observação: 3.<sup>a</sup> bateria desde Obs. Meteorologic até Off. da Esc. Profissional; 1.<sup>a</sup> bateria darii até ao p. p. o.; 2.<sup>a</sup> deste até á Fabr. de Vidros.

*B.*  
*Major.*

Verbalmente aos capitães

Villa da Penha, 28. 7. 15—11<sup>45</sup>  
Ordem ao grupo.

- 2.<sup>a</sup> Bateria atiradores á esquerda da estrada 1.<sup>a</sup> Bateria atiradores á direita, *regulação* respectivamente com a secção da esquerda e da direita.
- 3.<sup>a</sup> Bateria toda a atenção ao pico da Fundição e ao do morro SO. d'ella.

*B.*  
*Major.*

Verbalmente aos capitães da 1.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup>, pelo telephone ao da 3.<sup>a</sup>

Villa da Penha, 28. 7. 15.—12<sup>00</sup>  
Ordem á 3.<sup>a</sup> Bateria

Artilharia  $\frac{50}{1000}$  á esquerda do p. p. o. Distancia approximada 3500m. Dados os elementos, mandaes tenente F. abrir o fogo e commandar o tiro enquanto mudaes o vosso observatorio para o morro da Off. de Canteiro.

*B.*  
*Major.*

Pelo telephone.

12<sup>05</sup>  
Ordem á 1.<sup>a</sup> e á 2.<sup>a</sup>.

- Bateria artilharia NO. da Villa Operaria;
- Bateria contrabater toda a linha de atiradores.

*B.*  
*Major.*

Verbalmente

Villa da Penha, 28. 7. 15.—12<sup>15</sup>  
Ordem ao grupo.

3.<sup>a</sup> Bateria artilharia ao S. do pico da Fundição; a 2.<sup>a</sup> Bateria tem o garfo 3500—3600, corrector de efficacia 14. Estas duas baterias cruzam fogos.

*B.*  
*Major.*

Verbalmente ao cdte. da 2.<sup>a</sup>, pelo telephone ao da 3.<sup>a</sup>

*Nota.* Este trabalho foi lido em 1915 em presença do Sr. general Ilha Moreira, inspector da artilharia, e mais alguns poucos officiaes (Seidl, Souza Reis, Leitão, Alcoforado e outros) em uma das reuniões por S. Ex. promovidas para estudo de jogo da guerra. Os trechos em questão dos art.<sup>os</sup> citados do R. T. A. eram lidos na occasião.

As assignaturas começaráem em qualquer época, mas ter inarão sempre em março ou setembro, ficando assim os semestres e annos de assignatura coincidindo com os semestres e annos de vida da revista.

## Providencias Urgentes

Somente os ignorantes e os individuos inteiramente alheados ao estudo dos problemas sociaes mais immediatos, relativos ao nosso meio, pôdem deixar de reconhecer a influencia preponderante e decisiva de um exercito organizado á moderna, sobre a futura nacionalidade brasileira. Essa influencia é tanto mais importante quanto, ao passo que em paizes mais adeantados é ella simples, é a mesma entre nós triplice. Com effeito, entre nós, precisa o Exercito de dar aos conscritos e voluntarios educação domestica e physica, educação intellectual e moral e, por fim, preparação militar.

A missão dos officiaes do Exercito é, portanto, nobilissima e, tambem, da mais alta responsabilidade, e nenhum factor negativo e por menos que seja nocivo ao nosso trabalho deverá passar despercebido, sem protesto, sob pena de sobre nós e sobre todos aquelles que no Brazil fizeram com relativo sucesso a propaganda do serviço militar, pesarem todas as culpas.

Estas poucas linhas nada mais visam que um factor daquella ordem, crystalizado em costume, cujos nefandos resultados são por demais conhecidos. Refiro-me aos botequins e tavernas da mais baixa classe que, como verdadeiros parasitas, infectam as proximidades dos quartéis.

Nesses antros encontram-se apenas pipas, garrafas de todas as especies e, ainda, ferragens, peças de equipamento, arreiamento e equipamento e, mesmo armamento.

São optimas escolas do banditismo montadas com esmero, dotadas com todo o material imaginavel para a formação de profissionaes e com um corpo docente idealmente recrutado.

Os alumnos do 1.º anno, do 1.º gráo de iniciação nessas terríveis escolas do Mal, são exactamente os nossos ingenuos e bons recrutas, voluntarios vindos do interior e do Norte, aos quaes procuramos logo dar as primeiras noções da civilidade, hygiene, moral e disciplina, ao lado da instrução physica, com o fim principal de tornal-os moral e physicamente fortes e poderem, assim, evitar as transgressões disciplinares e os crimes militares.

A escola do Bem, porem, exige trabalho, sacrifício e, não poucas vezes a miseria, ao passo que sua antagonista, escondendo cuidadosamente as funestas consequencias, apresenta a liberdade, o prazer e o gozo. Ao innocent e ingenuo recruta será difficult resistir á tentação embellezada e perfumada, directamente, na escola ou no seu proprio alojamento por um monitor já bastante experimentado — o engajado não graduado.

Se, como nos mostram factos remotos e recentes, homens de grande cultura e immensa responsabilidade roubam a nação ou se vendem para safisfazerem a caprichos de que ja devem estar emancipados («cherchez la femme»), para augmentarem uma ja immensa fortuna não mais sabendo onde podel-a guardar com segurança, como poder um homem simples e rude resistir a uma tentação intensamente animada e á qual elle não poucas vezes cede, não por ambição, luxuria ou gozo, mas para obter descanso, conforto indispensavel e, ás vezes, justiça?

Na grande maioria dos casos o ladrão, o deserto e o assassino são mandados e os mandantes e realmente os unicos responsaveis são esses taverneiros e seus auxiliares.

Estes ja na caserna começam as primeiras lições. Em quanto o recruta aprende rapidamente e faz com entusiasmo a continencia a seus superiores hierarchicos, aquelles lhe ensinam a fingir que não veem as pessoas a quem devem fazer o altivo cumprimento militar. Essa altamente nociva lição contra a disciplina é naturalmente seguida de outras contra a honestidade e contra a moral.

Duas medidas urgentes, pois, se impõem, ambas no sentido de evitar-se que o fim collimado pelos officiaes de tropa e seus auxiliares não seja annullado pela acção affrontosa daquella escola de bandidos.

A primeira depende exclusivamente do Ministerio da Guerra: *proibição expressa do engajamento de praças que, satisfeitas todas as exigências regulamentares, não possam ser graduadas por deficiencia no exame para isso prescrito.*

A segunda decompõe-se em duas partes:

*a) criação em cada corpo de um casino ou cantina para inferiores e praças;*

*b) lei especial prohibindo expressamente a abertura de estabelecimentos de secos e molhados e seus assimilados nas proximidades dos quartéis situados fora de centros populosos.*

A primeira parte (*a*) dessa segunda providencia depende, tambem, do Ministerio da Guerra e a segunda (*b*) pôde por seu intermedio ser conseguida.

No caso dos *interpretadores* da Constituição julgarem inconstitucional a parte (*b*) restar-nos-á somente o seguinte meio de defeza resultante do argumento:

Se a Constituição permitte como exercicio de plena liberdade que bandidos expulsos do Exercito e da Detenção formem associações commerciaes altamente rendosas á custa da disciplina do Exercito, da saude do povo, do bem estar da sociedade e do futuro do Brazil, ella, a

Constituição, não se poderá oppôr ás acções de legitima defeza exercidas pelo Exercito contra os crimes praticados contra elle, contra a sociedade e contra a Patria.

Se, exgotados todos os recursos legaes nenhuma resultado fôr alcançado, poderíamos, então, como no caso individual, agir por nossas proprias mãos.

Lembro-me do recurso efficaz empregado por um illustre commandante: Verificayam-se com frequencia roubos de artigos militares, bebedeiras infernaes e assassinatos sem poder-se descobrir a séde e origem de tantos crimes, porque nesse logar os antros não affrontavam tão cynicamente, como aqui, as zelosas autoridades militares. Um inferior habilmente escolhido consegue em reconhecimentos nocturnos descobrir o fóco do banditismo, intelligentemente disfarçado em miseravel choupana.

No dia seguinte uma patrulha sob o commando do mesmo inferior, levando a incumbencia de inutilizar as bebidas alcoolicas, penetrou no antro onde pouco teve que fazer, porque a unica cousa existente na tal *casa commercial* era uma enorme pipa de aguardente, cujo escoamento foi sem ceremonias provocado por um largo furo e presenciado com prazer por alguns e com dôr por outro ao qual naturalmente as moleculas do fluido, somente para elle visiveis, pareciam moedas correntes. Como por milagre todos aquelles crimes desappareceram...

Será possivel que, por falta de leis appropriadass, sejam os chefes dignos deste nome obrigados a empregar taes meios, na apparencia aggressivos e violentos, mas realmente legitimos para salvaguardarem a disciplina e decoro do Exercito?

O quartel do 6.<sup>o</sup> Regimento de Artilharia montada está ainda em preparos no Curato de Santa Cruz e ja se sabe de projectos de abertura de alguns antros nas suas proximidades e, se nenhuma medida preventiva fôr tomada, lá temos fatalmente o nosso «Morro do Capão».

Acabo de reconhecer o perigoso inimigo e ao chefe das tropas apresento todos os dados, croquis incluso, para que elle o ataque com segurança, energia e firmeza e neste ponto termina a minha responsabilidade.

Capitão Parga Rodrigues.

## Escripturação do Tiro

(NOTAS)

I

E' incontestavelmente uma das mais caprichosas e das mais complicadas das escripturações da caserna. Todavia as suas vantagens são de tal ordem e natureza que fazem perder por completo

a importancia dessa relativa complexidade. São seus detalhes que permitem fazer, além de uma fiscalisação rigorosa, uma idéa perfeitamente nítida do que foi a instrucção de tiro durante o anno. Encontram-se ahi, de facto, todos os elementos indispensaveis á execução de um exame dessa natureza.

Entretanto, a traducção parece ter omittido alguns pontos, e, em consequencia, a escripturação se mostra ás vezes um pouco obscura. D'ahi a falta de entendimento que se nota pelos corpos relativamente a esta questão.

Vamos tentar uma analyse dos diferentes pontos do regulamento que se prendem ao assumpto e ver o que se torna necessário introduzir para, sem alterar a essencia, tornar mais claro o que existe.

O livro de tiro começa por «uma lista por ordem alphabetică de todos os militares da companhia (1.<sup>os</sup> e 2.<sup>os</sup> tenentes etc.)». Esta lista não tem o nome do capitão.

O tiro de instrucção só é e só deve ser obrigatorio de subalternos para baixo<sup>(1)</sup>, e o capitão nunca faz na instrucção o uso do fuzil; mas pôde fazel-o, e neste caso ha necessidade de registrar os seus tiros. Não haverá inconveniente, pois, dando essa faculdade ao capitão, em se reservar nessa lista uma linha, assim como uma folha de tiro no livro, para registrar o que fôr relativo ao capitão como atirador. Aliás, o regulamento não o prohíbe, e a ultima resolução (boletim 141) reforça esse modo de entender<sup>(2)</sup>. Está claro e subentendido, portanto, que quando um official de graduação inferior comanda companhia é obrigatorio o seu nome nessa lista.

Como em geral, depois de iniciado o curso de tiro, são incorporados á companhia, durante o anno, mais alguns homens, convém deixar após a lista um espaço para essas incorporações. Esse espaço deve ser encimado pelo titulo — «Incorporados durante o anno». Nesta parte não se pôde observar o rigor da ordem alphabetică.

Toda lista deve ter uma columna de observações, sendo nesta observado apenas o que é relativo ao homem e ao que de alguma sorte interessa ao anno de tiro. Por exemplo: transferido para esta companhia em 5/4.

Sendo esta lista um indice, não pôde dispensar uma columna indicando as paginas de registro dos tiros. E' bôa a prática de se empregar tintas differentes para as inclusões e exclusões. Costuma-se tambem fazer essa lista em caderno separado, para só introduzil-a no livro, respeitando com vigor a ordem alphabetică, no fim do anno. Não é má essa prática e nem se contraria o regulamento por isso, muito embora elle prescreva que «o livro de tiro da companhia deve sempre se achar em dia».

Depois dessa lista tem o livro um registro das armas por ordem. Esse registro é tambem um indice, e é por elle que se procura onde estão registrados os tiros feitos pelas armas. Na columna de observações só é registrado o que interessa á arma. Exemplos: Acha-se no Arsenal em concerto na massa de mira — Passou a pertencer ao soldado B em 3/5 — Mosquetão.

(1) Não ha necessidade de tornal-o para o capitão.

(2) Outros regulamentos da mesma fonte dizem que o capitão tem o nome nesta lista.

A pratica de reunir as duas listas anteriores em uma unica é inconveniente, porque ambas representam indices. A reunião só se justificaria se houvesse, o que se não dá, a coincidencia da ordem numerica das armas com a ordem alfabética. Entretanto, pode-se aproveitar esse registro e combinal-o com o *registro do armamento* (assunto ja commentado na revista de dezembro). Para esta combinação o modelo I, junto, satisfaz.

## II

Estudemos agora o mappa modelo I do R. T. I.

O objectivo desse mappa é apenas registrar os exercícios que se realizaram, e a munição que se consumiu. E' por isso, talvez, a principal fonte de dados para a confecção do relatorio. Sua clareza é de tal ordem que dispensaria qualquer commentario se não fosse pequena duvida que sempre surge ao se carregar a casa — exercícios especiais.

Nos livros de tiro das companhias na casa — Tiros de officiaes — só devem ser carregados os tiros feitos em sessões especiais pelos officiaes das respectivas companhias, essas sessões podendo ser convocadas pelo commandante de batalhão ou pelos proprios commandantes de companhias. Na mesma casa do livro de tiro do batalhão só são carregados os tiros que em sessões especiais forem feitos pelos officiaes do batalhão (em geral só o ajudante). Esses tiros especiais não devem ser confundidos com os tiros normaes de instrucção feitos pelos officiaes e que são carregados, quer nos livros das companhias quer no do batalhão, na columna — tiros de instrucção.

Como a execução desses tiros importa com o gasto da munição, é preciso que os tiros especiais dos officiaes convocados pelo commandante de batalhão sejam feitos com munição das companhias pelos officiaes das companhias, com a do batalhão pelo ajudante. E' justamente para isso que os batalhões dispõem de um supplemento de munição, supplemento este que pôde, desde o principio do anno, ser posto á disposição das companhias e, portanto, reunido á receita da munição da companhia.

Todos os resultados desses tiros devem ser registrados nas respectivas folhas de tiro.

Cada batalhão tem ainda, além disso, um livro especial (não o livro *commun* de tiro) para registro dos tiros especiais feitos pelos officiaes em sessões convocadas pelos commandantes de batalhão e companhias. E' por esse registro que cada commandante de batalhão avalia as condições de seus officiaes como instructores de tiro.

Nas duas últimas columnas dos exercícios especiais só se registram os tiros especiais feitos pelas praças (sargentos inclusive). Sobre o emprego da munição, tratando-se de exercícios determinados por autoridades superiores, deve-se respeitar o que já foi dito relativamente aos officiaes.

O modelo I do R. T. I. apresenta a falta de uma casa horizontal para a somma de cada espécie de tiro. Penso porem que se não sahe do regulamento por se addicionar essa casa. Esse mesmo modelo deve ter a sua columna de observação, sendo esta mais particularmente destinada ás observações relativas ás falhas e aos cartuchos inutilisados.

Por exemplo: «O cartucho que a produzio foi do 2º trimestre de 1916».

Como modelo eu indico o numero II, junto.

Como o livro de tiro deve estar em dia, esse mappa, que deve ser organizado logo no inicio da instrucção e no principio do livro, após o registro das armas, deve ser completo com todos os seus dizeres. Não é possivel fazer omissoes de qualquer de suas columnas, uma vez que se não pôde prever os exercícios que se reaisarão; salvo si se organizar um mappa em caderno separado.

## III

Segundo o nosso R. T. I. a folha de tiro de cada homem comprehende tres partes perfeitamente distintas. A primeira é relativa aos tiros de instrucção, a segunda aos de combate, a terceira comprehendendo os detalhes relativos á passagem de classe e ás recompensas de tiro. Francamente, não comprehendo porque foi o regulamento minucioso em uma parte e não o foi em outra. Pelo modelo, por exemplo, não se registraram os concursos.

Além disso, posterior á publicação do R. T. I. foram feitas outras exigencias, e as folhas de tiro tal qual se acham organizadas não satisfazem a essas novas exigencias.

A folha de tiro deve conter em resumo a escripturação completa de toda a actividade do homem como atirador, além das indicações que se tornam necessarias para esclarecimento de detalhes que são individualmente indispensaveis. Nestas condições o modelo regulamentar não é o mais satisfactorio. Elle é tambem incompleto relativamente á ultima prescripção do art. 71 e não indica o modo de assignalar os tiros de prova. Sobre esses tiros o regulamento apenas diz que os tiros de prova devem ser assinalados «ao lado do tiro que motivou a prova».

No final de cada categoria de exercícios ainda se notam expressões idênticas a esta: *total de tiros...*, e por fim — *total de tiros de instrucção*. E' claro então que nesse total não se acham contemplados os tiros de prova. Como convém evitar que se sommem os tiros de prova com os de instrucção propriamente ditos, visto que esses tiros são, nos relatórios, indicados em columnas distintas, é preferivel fazer a abertura de mais uma columna onde se possam registrar, distinctamente, os tiros de prova. Por todas essas razões seria preferivel o modelo III a estas notas junto.

Ainda sobre folhas de tiro convém chamar a atenção de que não deve haver confusão entre *numero de ordem* e *numero do exercicio*. Este está especificado na columna — Natureza do exercicio. Por isso, onde tem *n.º de ordem* devemos entender a serie natural dos *n.os* inteiros. E' por essa serie que se tem imediatamente a somma dos exercícios realizados. Por *n.º do exercicio* devemos entender o que exprimem os numeros da pagina 41 do R. T. I.

Nem sempre tambem a pagina do livro coincide com a folha de tiro.

Para evitar que se esteja novamente numerando um livro já paginado, é muito mais pratico eliminar a expressão — Folha de tiro *n.º...* —, substituindo-a pela pagina. Os tiros dados como de ensaio nos concursos são carregados como tiros de concurso.

## IV

O modelo de relatorio comprehende, segundo o R. T. I., duas partes. Na primeira vê-se a tarefa desempenhada pela companhia durante o anno; na segunda, além da parte relativa ao emprego da munição, um resumo do aproveitamento que foi na primeira detalhado.

Alguma imperfeição que se nota na primeira parte do modelo é mais devida a descuidos na impressão do que ao proprio modelo. Comtudo, há sempre alguma cousa que não dispensa um comentario, porque quem tem o capricho de seguir rigorosamente os modelos jamais se subordina a ligeiras alterações para as quaes basta muitas vezes o concurso do bom senso. Nestas condições, não precisa mais nada para comprehender que não se justifica no modelo a existencia de um quadro em branco na linha dos *ganhos*; não precisa tambem muita reflexão para descobrir que se deve suprimir ou aumentar tantas linhas horizontaes (a), (b), (c) etc. quantas vezes forem necessarias.

Junto a essa parte do relatorio vem, no verso, uns dizeres para justificar o que se disse no quadro com os algarismos e mais uma noticia sobre distintivos, além de uma outra relativa aos tiros de combate. Pela disposição desses dizeres e pela assignatura parece que tudo isto só pôde vir no verso do relatorio.

Francamente, considero muito difficult encontrar razões que justifiquem tanto rigor em modelos; o natural seria dispôr em seguida ao quadro as explicações e depois o logar e o nome com o posto da autoridade que o assigna. Além disso, se os esclarecimentos sobre os tiros de instrucção estão bons, a parte relativa aos tiros de combate não satisfaz ás exigencias de um commandante de batalhão que seja rigoroso. Realmente, pelo modelo do R. T. I. só se tem uma vaga noticia do que foi o tiro de combate durante o anno, e não se justifica que se seja tão minucioso nos tiros de instrucção e se o deixe de ser nos de combate. Serão por ventura os de instrucção mais importantes que os de combate? Sob o ponto de vista tactico não se discute; são estes os mais importantes. E parece que é a parte tactica a mais importante e que mais interessa quando se trata da instrucção da tropa.

A segunda parte do relatorio ou o modelo IV ainda tem umas casas que são uma repetição de umas casas da primeira. Essas casas são superfluas em relatorios de companhias; são indispensaveis nos de batalhão.

Assim, como relatorio de batalhão o modelo IV deve limitar-se a fazer o resumo da instrucção do batalhão, em face dos dados fornecidos pelas companhias e mais o que fôr relativo ao pessoal do proprio batalhão (estado menor); como parte do relatorio de companhia deve limitar-se á parte relativa á munição.

O facto do regulamento dizer que os relatorios devem ser feitos *segundo* os modelos III e IV não quer dizer que a segunda parte do relatorio de companhia seja feita *rigorosamente igual* ao modelo IV.

## V

O relatorio de tiro do batalhão não pode ser sinão um resumo dos relatorios de tiro das companhias, porque elle apenas se destina a informar ás autoridades superiores, de uma ma-

neira geral e synthetica, o que foi na unidade o anno de tiro. Não tem e não pode ter particularidades que só interessam aos directamente responsaveis pela instrucção da unidade. Quando as autoridades superiores querem conhecer o que foi a instrucção em seus detalhes têm a faculdade de requisitar os relatorios das companhias.

Como uma das partes do relatorio de tiro do batalhão é preferivel o modelo V, junto. Nesta parte devem ser abertas ou supprimidas tantas casas *a*, *b*, *c* etc. quantas forem necessarias. Não ha necessidade ahi do desdobramento da columna — *Tiros de combate* — tal qual se observa no relatorio da companhia. Junto a esta parte ainda deve ter o batalhão uma outra destinada aos exercícios do pessoal do estado menor do batalhão, e segundo os modelos V a e IV e do relatorio da companhia.

## VI

Finalmente, é preciso consagrar algumas linhas á questão das munições.

Sobre o movimento da munição por entre as unidades e tendo em vista a responsabilidade que a escripturação acarreta, não se tem até hoje conseguido um resultado satisfactorio.

Praticamente, para attender o gasto da munição, cada unidade devia ter um deposito compativel com seu effectivo e as exigencias do R. T. I. Isto porem, nem sempre é possivel; demais ha ainda o inconveniente da grande quantidade de munição que ficaria de alguma sorte espalhada.

Parece que só se resolve o problema pelos pedidos parciaes, uma vez que a somma desses pedidos não ultrapassasse o que se chama a *dotação annua*. Se por acaso a munição gasta por uma unidade fôr muito pequena em relação á annua de que precisava, em vez da casa — munição annua — pôde-se, sem inconveniente, substitui-la por — *munição recebida* — e neste caso não ha a columna — *suplemento*, porque esta columna é somente destinada á munição que se péde além da dotação annua.

Tudo isto feito assim evita que se veja, o que é commun, uma mesma munição em varias cargas ao mesmo tempo ou ás vezes figurando duas vezes na carga de uma unidade uma mesma munição. Por outro lado, a substituição da columna — dotação annua — por — munição recebida — evita, quando não ha munição sufficiente ou quando só se gastou da annua uma parcela muito pequena, caso normal entre nós, o absurdo de se vêr carregada no mappa toda a munição annua quando na realidade a unidade só recebeu uma parcela.

Que contas prestaria um commandante de companhia, por exemplo, que n'uma fiscalisação rigorosa apresentasse um mappa com toda a munição annua quando na realidade só tivesse elle recebido a terça ou quinta parte?

Entre nós deve-se entender por munição annua não a que corresponderia ao effectivo orçamentario, porem ao *provavel*, isto é, áquelle que na realidade se tem sommando ao effectivo na incorporação dos recrutas o coefficiente provavel de incorporados durante o anno. Em tal caso todo esse calculo é feito approximadamente. Não se pôde ter a velleidade de fazel-o de um modo excepcionalmente rigoroso. E' ridiculo tambem o sophisma de só contar com os homens armados a fuzil para o calculo da munição annua.

### **Modelo I**

## Registro do armamento

**Explicação:**

Nas observações desse mappa se registram tambem a data e o resultado do tiro de verificação (229), quando esses tiros se realizam antes do inicio dos tiros de instrução.

## **Modelo II**

## **Mappa demonstrativo dos exercícios de tiro e da munição consumida**

## Folha de tiro Nº

Atirador de ..... classe

Fulano

Fuzil (mosquetão) Nº

## 1. — Tiros de instrucção

N. de ordem	Data	Natureza do exercicio	Resultado dos tiros	N. de Tiros		Observações
				De instrucção	De prova	
(SERIE A) Tiros de ensaio (65 e 71)						
1		Os que fazem o tiro de verificação não terão os tiros dessa série.				
2						
3						
etc.						
Total						
(SERIE B) Exercicios previos						
1		Deitado arm. l. - 150 - Alvo Z. C. S.	8· 3· + · 6· (*)	3	2	
2						
3						
etc.						
Total						
(SERIE C) Exercicios principaes						
Total						
(SERIE D) Exercicios organizados pelo commandante da companhia						
Total						
(SERIE E) Exercicios determinados pelas autoridades superiores						
1						
etc.						
Total						
Total dos exercicios de todas as series						

(\*) Modo para carregar os tiros de prova.

## 2. — Tiros de combate

Tomou parte	Data	Logar do tiro	Tiros dados	Observações
a) nos de preparação	2/5 4/7	Fazenda dos Affonsos Gericinó	5 10	
b) nos de esquadra	12/7	Fazenda de Santa Cruz	10	
c) nos de secção				Não houve este anno por falta de tempo.
d) nos de pelotão				Idem.
e) nos de companhia	4/12	Campos do Dendê		Não tomou parte por ter baixado ao Hospital a 2/12.
f) nos de exame				Não houve este anno por ordem superior.
Total dos tiros				25

## 3.

Concursos . . . . . { a) Tomou parte no de 5/8 dando 4 tiros.  
                           { b) Tomou parte no de 3/9 dando 3 tiros.

Recompensas de tiro. { a) Recebeu o premio do concurso de 3/9.  
                           { b) Etc.

Passou para a classe superior em 12/11.

### Relatorio de Tiro

#### A — Tiros de instrucção

Modelo IV a

	Companhia	CLASSE DE TIRO								
		Especial	Primeira	Segunda	Oficiais	Sargentos	Praças	Oficiais	Sargentos	Praças
1. Effectivo na incorporação dos recrutas										
2. Ganhos	a) por transferencia : : : : : : : : b) por incorporação : : : : : : : :									
		Total.								
3. Perdas	Não iniciaram os exercícios por se acharem. Interromperam os exercícios por terem deixado a companhia como	a) Destacados : : b) Respondendo conselho : : a) Doentes : : b) Desertor : :								
		Total.								
4. Deviam executar todos os tiros de instrucção.										
5. Do efectivo mencionado no n.º 4.	a) Executaram todos os tiros de instrucção a distancias reaes e satisfizeram as condições b) Executaram todos os tiros de instrucção a distancias reaes mas não satisfizeram as condições exigidas c) Deixaram de executar todos os tiros (Não executaram todos os tiros de instrucção) d) Executaram todos os tiros de instrucção a distancias reduzidas por insuficiencia de vista e satisfizeram as condições e) Executaram todos os tiros de instrucção a distancias reduzidas por insuficiencia de vista mas não satisfizeram todas as condições.									
6. Do numero 5 passaram para a classe mais elevada										

## Esclarecimentos

Como está no regulamento. Em seguida vem a parte (8).

## B — Tiros de combate

Natureza do exercicio	Data	Logar de exercicio	N. de homens	N. de tiros	Observações
De preparação . . .	2/5 e 4/7	Fazenda dos Affonsos e Gericinó	52	260	
De esquadra . . . .	12/7	Fazenda de Santa Cruz	51	510	
De secção . . . .					Não houve por falta de tempo
De pelotão . . . .					Idem
De companhia . . . .	4/12	Campos do Dendê	52	520	Prohibido por ordem superior
Total dos tiros. . . . .				1290	

## ESCLARECIMENTOS

Não tomaram parte :

a) nos tiros de preparação :

1º O cabo A que passou á disposição da brigada em 37.

2º Etc.

b) nos de esquadra :

1º A praça B por ter ido depôr n'um inquerito.

c) nos de companhia :

1º Etc.

Em seguida em a parte (b).

## C — Munição

RECEITA				DESPEZA								Exercícios especiais		Sargentos e praças		Organizados pelo comandante da comp. <sup>a</sup>		Organizados pelas autoridades superiores		Tiros de combate		Tiros de applicação		Tiros de verificação		Tiros de concurso		Tiros de prova		Somma		Salto para o anno seguinte		Falhas		Cartuchos inutilisáveis	
Exercício do anno anterior	Dotação anual	Suplemento	Somma	Tiros de instrução		Tiros de oficiais		Exercícios especiais		Sargentos e praças		Organizados pelo comandante da comp. <sup>a</sup>		Organizados pelas autoridades superiores		Tiros de combate		Tiros de applicação		Tiros de verificação		Tiros de concurso		Tiros de prova		Somma		Salto para o anno seguinte		Falhas		Cartuchos inutilisáveis					
				Tiros de instrução	Tiros de oficiais	Exercícios especiais	Sargentos e praças	Organizados pelo comandante da comp. <sup>a</sup>	Organizados pelas autoridades superiores	Tiros de combate	Tiros de applicação	Tiros de verificação	Tiros de concurso	Tiros de prova	Somma	Salto para o anno seguinte	Falhas	Cartuchos inutilisáveis																			

## OBSERVAÇÕES

Logar etc.

Nome

Posto

Explicações sobre a organisação do relatorio :

1º da parte (A)

O numero 4 = 1 + 2 - 3.

A somma dos efectivos a, b, c, etc. do n. 5 é igual ao efectivo n. 4.

Em geral, nos esclarecimentos, só se explica do n. 5 a letra c.

Os efectivos do n. 6 são em geral iguaes aos da letra a do n. 5; excepcionalmente são inferiores (58).

2º das partes (B) e (C).

Essas partes vêm em seguida á parte (A), após os esclarecimentos desta. Algum esclarecimento da parte (C) pode vir nas observações.

Relatorio de Tiro do ..... Bn. do ..... R ..... Infantaria

Modelo V

Somma	B. m	3. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	1. <sup>a</sup>	Companhias e estado menor		RECEITA	MUNIÇÃO
					Officiaes	Effectivo na incorporação dos recrutas (a)		
Sargentos					Sargentos	Ganhos durante o anno (b)		
Praças					Praças			
Officiaes					Officiaes	Perdas durante o anno (c)		
Sargentos					Sargentos	Deviam executar todos os tiros de instrução		
Praças					Praças	Executaram todos os tiros de instrução a distâncias reaes e satisfizeram as condições		
Officiaes					Officiaes	Executaram todos os tiros de instrução a distâncias reaes e não satisfizeram as condições		
Sargentos					Sargentos	Deixaram de executar todos os tiros de instrução		
Praças					Praças	Executaram todos os tiros de instrução a distâncias reduzidas por insuficiencia de vista e satisfizeram as cond.		
Officiaes					Officiaes	Excesso do anno anterior		
Sargentos					Sargentos	Dotação annual		
Praças					Praças	Suplemento		
Officiaes					Officiaes	Somma		
Sargentos					Sargentos	Tiros de instrução		
Praças					Praças	Tiros de officiaes		
Officiaes					Organisados pelo comandante da comp. <sup>a</sup>	Exercícios especiais		
Sargentos					Organisados pelas autoridades superiores	Sargentos e praças		
Praças					Tiros de combate			
Officiaes					Tiros de applicação			
Sargentos					Tiros de verificação			
Praças					Tiros de concurso			
Officiaes					Tiros de prova			
Sargentos					Somma			
Praças					Saldo para o anno seguinte			
Officiaes					Falhas			
Sargentos					Cartuchos inutilisaveis			

# DESCRIPÇÃO DO CANHÃO ARMSTRONG

De 152 m/m tiro rápido

O canhão de Armstrong de 152 m/m, tiro rápido, com 41,65 calibres de comprimento, ou de 6.321 m/m, comprehende o corpo e o mecanismo da culatra.

O corpo do canhão é formado de um tubo alma de aço fundido e forjado, reforçado por cintas do mesmo metal.

O corpo divide-se: — externamente — em bolada, parte cintada e culatra e — internamente em alma e alojamento do mecanismo da culatra.

A bolada é a parte comprehendida entre a primeira cinta e a boca do canhão.

Nella notam-se: — a boca, o corte da boca e a tulipa que serve para reforçar a boca.

A parte cintada vai da primeira cinta á culatra.

Nella notam-se: — os 1.º, 2.º, 3.º e 4.º reforços e um anel com supports cylindricos, destinado de construção a receber um arco dentado e graduado.

As cintas de metal ou reforços são introduzidas no tubo alma pela parte posterior, na ordem em que estão da bolada para a culatra, sob alta temperatura, afim de melhor se ajustarem pelo resfriamento.

Os 2.º e 3.º reforços nada apresentam de notável, além das suas funções ordinarias do revestimento do tubo alma.

O 4.º reforço, ou cinta dos munhões, traz os munhões reforçados por embases, por meio dos quaes o canhão repousa sobre o reparo.

Nos embases existem os furos apropriados — encaixes de mira — para receberem o pé das massas de mira.

A culatra é formada pelo prolongamento do 1.º reforço além do corte posterior do tubo alma.

Ella apresenta um reforço anular destinado a fixar diversas peças do mecanismo da culatra.

Nas suas faces, direita e esquerda, proximo á parte posterior — corte da culatra — existem os alojamentos cylindricos dos encaixes das alcas, e na face superior, um orificio aberto obliquamente da esquerda para a direita que serve de alojamento ao extractor.

O encaixe para a alça de mira é um cylindro de metal amarelo, com um vasado triangular no centro tendo uma inclinação de 1/20 do grão para a esquerda, onde se introduz a alça.

Nelle notam-se: — os alojamentos da mola que fixa a alça, e do parafuso de transmissão que movimenta a mesma.

O anel da culatra apresenta no lado direito as bragas do transportador e do supporte, e ainda um vasado onde se aloja com a sua mola a alavanca do extractor; e na parte posterior um orificio rosado para o parafuso guia do supporte.

A alma, que é o vazio do cano, divide-se em parte raiada, adoçamento e camara.

A parte raiada, que serve para imprimir ao projectil um movimento de rotação, compõe-se de 35 raias, abertas da esquerda para a direita, separadas por cheios.

Adoçamento é a superficie conica que liga a parte raiada á camara, e que fixa o projectil no acto do carregamento.

A camara é a superficie cylindrica onde se alojam o projectil e o estojo e que resiste á pres-

são dos gases desenvolvidos durante a combustão da carga de projecção.

O alojamento do mecanismo da culatra é formado por duas secções, uma cylindrica e outra tronco-conica, apresentando ambas tres partes lisas e outras tantas filetadas, correspondendo as partes lisas de uma secção ás partes filetadas da outra.

Na parte anterior superior do alojamento do mecanismo da culatra existe um cavado onde se aloja a garra do extractor.

## Mecanismo da culatra

O mecanismo da culatra comprehende os apparelhos de fechamento, de disparo, de segurança, e de extracção.

O apparelho de fechamento é constituído pelas seguintes peças: — parafuso da culatra, transportador, eixo do transportador, alavanca de manobra, eixo da alavanca de manobra, connector, parafuso do connector, cépo, prisão do parafuso da culatra, e dispositivo retém do mesmo apparelho.

O parafuso da culatra é um bloco massiço de aço, apresentando duas secções — uma cylindrica e outra tronco-conica — divididas cada uma em 6 partes, sendo tres filetadas e tres lisas, correspondendo as partes filetadas de uma secção com as partes lisas da outra.

Neste parafuso notam-se: na parte posterior um vasado cylindrico onde penetra o braço do transportador; alojamento para a cabeça do percussor; pino de aço por meio do qual o movimento do cépo se transmite ao parafuso de culatra; entalhe onde penetra o dente do retém; na secção cylindrica — um orificio rosado onde se atarracha o parafuso prisão e na parte anterior um rebaixo anular para o adaptador de estopilhas e orificio para a ponta da agulha percutora.

## TRANSPORTADOR

O transportador é uma peça massiça de metal amarelo, que gira em torno de um eixo, situado no lado direito da culatra, e onde se colocam todas as peças dos apparelhos de fechamento, de disparo e de segurança.

No seu lado direito notam-se: — um reforço onde está aberto o orificio com chaveta guia de aço para o eixo do transportador; uma calha em rampa onde trabalha a extremidade anterior da alavanca do extractor; um outro reforço menor com orificio para o eixo da alavanca de manobra, e um orificio para o supporte do conductor electrico.

No lado esquerdo, notam-se: — os alojamentos do cépo e do apparelho de segurança e o descanço para o braço da alavanca.

Na face inferior, á direita, existe uma calha em rampa onde deslisa o botão do supporte.

Na face interna existe um braço cylindrico que penetrando no vasado do parafuso da culatra; serve de supporte a este parafuso que nello fica preso pe'a sua prisão.

Neste braço cylindrico está aberto o alojamento do corpo do percussor e um segmento circular onde trabalha o pé da prisão do parafuso da culatra.

## Eixo do transportador

O eixo do transportador é uma cavilha cylindrica que fixando o transportador no anel da culatra, lhe serve de eixo.

Nelle notam-se: — orificio de lubrificação, fe-

chado por um parafuso de fenda; ranhura rectilínea para a chaveta guia, golla para o pino e sulco para o lubrificante.

#### ALAVANCA DE MANOBRA

A alavanca de manobra serve para manobrar o apparelho de fechamento e é constituída por uma barra de aço recurvada, fixa no transportador pelo eixo.

Nella notam-se: orificios para o eixo da alavanca e do connector; alojamento para a chapa guia da alavanca do apparelho de segurança, e o punho guarnecido de metal amarelo.

#### CONNECTOR

O connector serve para transmittir ao cépo o movimento recebido da alavanca de manobra, e é constituído por uma pequena barra de aço tendo em uma das extremidades um eixo fixo de pé filetado, que penetra no orificio respectivo da alavanca de manobra, e na outra, um orificio para o parafuso do connector.

#### PARAFUSO D / CONNECTOR

O parafuso do connector é uma peça cylindrica de pé filetado que atravessando as orelhas do cépo, liga o connector ao dito cépo.

#### CÉPO

O cépo é uma peça rectangular que deslizando em seu alojamento, faz mover por meio do pino, o parafuso da culatra, quando actuada pelo connector.

No cépo notam-se: as orelhas com orificios para o parafuso do connector, e o alvado onde se aloja a bucha do pino do parafuso da culatra.

#### PRISÃO DO PARAFUSO DA CULATRA

A prisão do parafuso da culatra serve para prender este parafuso no braço do transportador, e é constituída por um parafuso de fenda, tendo a parte superior filetada e o pé liso.

#### DISPOSITIVO DO RETEM

O dispositivo retém do parafuso da culatra consta do corpo, da mola e da prisão.

O corpo é brocado internamente para servir de alojamento á mola, e apresenta ainda um rasgo elliptico onde deslisa o pé da prisão.

A sua extremidade anterior foi arrasada em semi-circulo para formar o dente.

A mola é um arame enrolado em aspiral.

A prisão é constituída por um parafuso cujo pé liso deslisa no rasgo elliptico.

O dispositivo retém serve para immobilizar o parafuso da culatra durante o movimento do transportador, afim de que as suas partes filetadas não deixem de corresponder ás partes lisas do seu alojamento na culatra.

Ao apparelho de fechamento está ligado um suporte de metal para os projectis, fixo no anel da culatra por um eixo, e cujo braço curvo trabalha em uma calha em rampa existente no transportador de tal forma que elle sobe quando se abre a culatra, e desce quando esta se fecha.

#### APPARELHO DE FUSO

Este apparelho é assim denominado por que ocasiona o disparo do canhão, quer fazendo perfurir a estopilha por meio de agulha percutora quer inflammando-a por meio de uma corrente electrica.

Não possuindo actualmente estes canhões o apparelho electrico, deixamos de dar aqui a sua descrição, para fazel-o tão somente do apparelho de percussão.

Este apparelho consta das seguintes partes: — corpo do percussor, agulha percutora, mola real, luva do percussor, reten de segurança e gatilho.

O corpo do percussor é um cylindro de aço vasado no centro para receber a haste da agulha percutora.

Da sua parte anterior para a posterior, notam-se: — batente annular onde vae-se adaptar a cabeça da agulha, golla que serve de apoio á mola, com nervura guia para dirigir o percussor em seu alojamento no transportador; entalhes para o dente de armar do gatilho, rebaixo para o dente do reten de segurança; nervura guia para o mesmo reten, rebaixo com furo para o conductor electrico, e cauda roscada para a porca e sobre-porca de cruzeta, ambas de metal amarelo.

Um dos braços da cruzeta é um pino que serve para desatarrachar a porca do metal, e o outro traz uma chave de bocca para as porcas sextavadas da haste da agulha percutora.

Na agulha percutora, notam-se: — ponta rugosa, macho, cabeça com arruela de sola e haste.

A haste está envolvida em um tubo de caoutchuc que a isola do corpo do percussor e tem a extremidade posterior filetada para receber as porcas sextavadas que a fixam no mesmo mesmo corpo.

A mola é um arame enrolado em aspiral que envolve o corpo do percussor.

A luva, ou receptor guia do percussor, conhecida na Armada por «culatrinha» é um cylindro de aço vasado no centro para receber o corpo do percussor.

A sua superficie exterior apresenta filetes interrompidos para engrazal-a no seu alojamento no transportador.

Nella, notam-se: — saliencia rectangular, onde está aberto o alojamento do gatilho; fenda para o dente de segurança do gatilho; fenda longitudinal para o dente do reten de segurança, em qualquer das duas posições de disparo que a luva possa ocupar á direita ou a esquerda; rebaixo posterior para o dente do mesmo reten.

O reten de segurança é uma peça de aço vasada no centro, que envolve o corpo do percussor.

Nelle, notam-se: — externamente, o dente que fixa a luva em qualquer das suas posições de disparo, buccal roscado onde se atarracha o conductor electrico, orelha, onde esbarra o linguete do apparelho de segurança; — internamente — a ranhura para a respectiva nervura guia existente no corpo do percussor.

#### GATILHO

O gatilho é uma peça de aço com a forma de uma chave commun.

Nelle notam-se: a haste, a mola, a arruela de aço e a porca serrilhada.

Uma das extremidades da haste traz um olhal onde se prende o gancho do detonador, e na outra tem o dente de armar que penetra em um dos entalhes do corpo do percussor, e o dente de segurança que serve para immobilizar o gatilho na luva.

A arruela de aço serve de apoio anterior da mola.

### APPARELHO DE SEGURANÇA

Este apparelho consta do eixo, da mola, do linguete e do parafuso de fenda.

O eixo tem a forma de um T invertido, quando collocado em seu alojamento.

A haste deste T é envolvida pela mola, e termina na parte superior por uma secção cylindrico-prismatica, onde está aberta a porca do parafuso que fixa o linguete.

Em um dos braços do T nota-se um botão de bordos chanfrados, o qual deslisando na ranhura guia da chapa aparafusada na alavanca de manobra, faz girar a haste que desta forma leva o linguete de encontro á orelha do retém de segurança.

A mola é um arame enrolado em aspiral.

O linguete é constituído por uma chapa de aço a qual apresenta um orificio cylindrico-prismatico para sua adaptação do eixo, do apparelho ou haste do T, onde fica presa por um parafuso de fenda.

### APPARELHO DE EXTRACÇÃO

Este apparelho compõe-se — da alavanca do extractor; do eixo da alavanca; da mola; do estojo de mola; do extractor; da luva do extractor e da porca do extractor.

A alavanca do extractor é uma peça de aço com duas secções, uma rectangular e outra cylindrica, separadas por um resalto annular que serve de apoio anterior da mola.

A extremidade da secção cylindrica foi achata, sendo nella aberto um furo prismatico para o eixo.

O eixo é uma peça cylindrico-prismatico, com cabeça circular e orificio para o pino.

A mola é uma tira de metal amarelo enrolado em espiral.

O estojo da mola é uma peça de aço tendo nas extremidades orificios para os parafusos que a fixam no anel da culatra, e no centro um cavado circuilar com orificio para dar passagem á secção cylindrica da alavanca.

O cavado do estujo aloja parte da mola e lhe serve de apoio posterior.

O extractor é formado por uma barra cylindrica de aço, tendo uma das extremidades sextavada com orificio para o pino.

Nelle notam-se: — batente para a porca, sulco para o lubrificante e tres rebaixos que formam a garra do extractor.

A luva do extractor é uma peça cylindrica com duas orelhas onde estão abertos os orificios para o eixo da alavanca do extractor.

Na luva estão abertos: — orificio para o pino, e o vasado sextavado onde penetra a extremidade direita do extractor, que ficando deste modo intimamente a ella ligado, é arrastado no movimento determinado pela alavanca do extractor.

A porca é de formato commun, tendo porem entalhes na face externa para applicação da chave.

Ella é atarrachada no proprio corpo do canhão, para impedir a sahida do extractor.

(Continúa).

Major Pompeu Loureiro.

Para facilitar aos nossos camaradas a aquisição do "Guia para o Ensino da Tactica", resolvemos vendel-o a 5\$000, pelo correio 6\$000, aos que não são nossos assignantes; e a 3\$500, pelo correio 4\$000, aos que o são ou tomarem assignatura de um mestre.

### Cartas do "Griepenkerl"

As novas cartas topographicas do «Griepenkerl», cuja perfeita reprodução obtivemos aqui, por se terem esgotado as primitivas, vindas da Allemanha, têm despertado os mais lisongeiros commentarios. Os clichês foram feitos no Gabinete Photographico do Estado Maior, sob as vistas do seu competente director, snr. Freitas e a impressão no Serviço Geographico Militar, cujas officinas, sob a inexcedivel direcção do snr. Major Vidal, se acham apparelhadas para a execução dos mais difficeis trabalhos.

As cartas, em numero de cinco, continuam á venda, a 600 rs. cada uma, pelo correio 800 rs.

### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

*O Tiro de Guerra.* — Revista oficial da Directoria Geral do Tiro de Guerra, anno I, n<sup>o</sup>s. 1 e 2.

*Revista Militar do Brazil.* — Janeiro. Do seu sumario destacamos o artigo *A proposito do «Retrospecto» d'A Defeza Nacional*, que reivindica para determinados ministros e deputados as glórias de iniciativas realizadas em 1917, com real vantagem para o Exercito, atribuindo-nos ao mesmo tempo o intuito de «glorificações injustas». A leitura dos dous artigos, o nosso «Retrospecto» e a critica publicada na «Revista Militar do Brazil», e tambem a lembrança ainda fresca das administrações passadas, na pasta da Guerra, esclarecem sufficientemente a questão e dispensam qualquer commentario ou esteril polemica.

*A Estancia*, anno VI, n<sup>o</sup> 1, Janeiro de 1918.

*Revista dos Militares*, n<sup>o</sup> 92, Fev. 1918.

*A 43* — Revista dos Tenentes, anno I, n<sup>o</sup> 1.

*A patrulha em campanha*, pelo Tenente Nilo Val.

*Campanha do Contestado*, II volume, por Crivelaro Marcial.

### EXPEDIENTE

Terminando com este numero as assignaturas de semestre, rogamos sua renovação e avisamos que, para regularidade de escripturação, deixaremos de remetter a revista aos assignantes cujo pagamento se acha atrasado de um semestre.

Equalmente avisamos os nossos assignantes que, sómente mediante pagamento adiantado, será feita a remessa de qualquer das nossas publicações.



Os extravios causados por falta de comunicação opportuna das mudanças de endereço correm por conta do assignante.

# Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus collaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. I da Circular n. 6, de 24-5-915.)

## No Rio de Janeiro

M. G. — 1º Ten. E. Leitão de Carvalho.  
E. M. do Ex. — 1º Ten. Arnaldo D. Vieira.  
D. O. — Cap. J. A. Coelho Ramalho.  
D. A. — Coronel Príncipe.  
3º D. — 2º Ten. Columbano Pereira.  
IV R. — Cap. J. A. Coelho Ramalho.  
Br. Pol. — Cap. M. Castro Ayres.  
1º R. I. — 2º Ten. Maciel da Costa.  
2º R. I. — 1º Ten. Octaviano Gonçalves.  
3º R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.  
52º Cag. — 1º Ten. Mário A. do Nascimento.  
55º Cag. — Capitão Zéferino Penalber.  
56º Cag. — Ten. Alfonso Ferreira.  
58º Cag. — Ten. Roberto D. Santiago.  
1º Cia. Metr. — Cap. A. Alencastro.  
5º Cia. Metr. — Ten. O. Vieitez Campeiro.  
1º R. Cav. — 1º Ten. Raymundo Sampaio.  
1º R. Cav. — 2º Ten. Simas Encas.

## Fóra do Rio

Guarnição de Alegrete. — Cap. Christovão C. M. Mattos.  
47º Cag. — Belém, 2º Ten. José de Oliveira Pimentel.  
50º Cag. — Bahia, 2º Ten. Leal de Menezes.  
57º Cag. — Juiz de Fóra, Ten. J. Américo de Gouveia.  
5º R. Cav. — S. Luiz, Ten. Cor. Leovigildo Paiva.  
11º R. Cav. — Bagé, 2º Ten. Armando N. Cavalcanti.  
12º R. Cav. — 1º Ten. J. Theodoro Pereira de Melo.  
15º R. Cav. — 2º Ten. Raul Vieira da Cunha.  
Coll. Barbacena. — 1º Ten. José Martins de Arruda.  
Coll. P. Alegre. — Cap. Antônio de C. Lima.  
S. Gabriel. — 1º Ten. Glycerio Oerpe.  
Escola Naval. — Baptista das Neves, Asp. J. Baker de Almam.  
II. Reg. — 1º Ten. Julio S. Cousseret.  
VI Reg. — 1º Ten. Pedro Angelo Correia.

1º E. Trem. — Tenente Manoel A. C. Batalha.  
1º R. A. — 1º Ten. Manoel de B. Lins.  
2º G. Art. — Major Pompeu Loureiro.  
1º Bat. Art. — 2º Ten. Octávio Cardoso.  
Port. S. João — 1º Ten. J. F. Monteiro Lima.  
3º G. Ob. — 2º Ten. Raúl de Vasconcellos.  
Copacabana. — Cap. Aurelio Amorim.  
1º Bat. Eng. — Cap. Xavier Moreira.  
Colégio Militar. — Ten. Maximiliano Fonseca.  
L. M. — Realengo, 2º Ten. J. Teixeira Marques.  
Aluno Thimotheo F. Machado.  
E. E. M. — P. Verm., 1º Ten. Newton Braga.  
Fabr. Realengo. — Cap. Freire de Vasconcellos.  
Diréc. Material Bélico. — Cap. Mário Berlim.  
Arsenal. — 2º Ten. Catullo Piá de Andrade.  
Direct. de Eng. — Cap. José Ribeiro Gomes.  
Encouraçado S. Paulo. — Ten. Cesar F. Xavier.  
Curso Apert. Inf. — Ten. Newton Cavalcanti.  
6º R. A. — 1º Ten. E. Serra da Mata.

## de Janeiro

VII Reg. — 1º Ten. Amaro Villa Nova.  
3º B. Art. — Ten. Iberê Ferreira.  
6º B. Art. — Bahia, Ten. Cor. Pimenta.  
5º G. Ob. — Margem Taquary, 1º Tén. Antônio Gómes dos Santos.  
16º Grupo — Ten. Dr. Alexandre Meyer.  
18º Grupo. — Bagé, 1º Ten. Salvador Obino.  
Führ. Piquete. — 1º Ten. Euclides P. do Nascimento.  
Fabr. Estrela. — 1º Ten. Heitor P. de C. Albuquerque.  
7º R. I. — Santa Maria, Ten. Olympio dos Santos Rosa.  
8º R. I. — Ten. Holdernes de Freitas Ramos.  
10º R. I. — 2º Ten. Alcebiades A. de Almeida.  
Com. da Carta. — Ten. Irineu Trajano.  
1º Comp. 43 Cag. — 2º Ten. Mário Travassos.  
39º Cag. — Major M. da Costa Lobo.  
3º R. C. — Ten. Adalberto Diniz.  
41º Cag. — 1º Ten. Paulo de Araújo Bastos.  
Em Guaratiba. — Cap. Antônio da Silva Menezes.  
14º R. Cav. — Campanha, Ten. Lincoln Marinho.

O PAGAMENTO das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado o mais tardar no seu segundo mês. Os recibos são expedidos depois do pagamento effectuado. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou à Papelaria Macedo, Rua da Quitanda, 74, Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.

CAIXA POSTAL 1602